



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA TERRA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MITHALY SALGADO CORRÊA

**MOVIMENTOS MATERNO-UNIVERSITÁRIOS EM REDE: O CASO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

2023

MITHALY SALGADO CORRÊA

**MOVIMENTOS MATERNO-UNIVERSITÁRIOS EM REDE: O CASO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção parcial do título em licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Marques.

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

S824m Salgado Corrêa, Mithaly
MOVIMENTOS MATERNO-UNIVERSITÁRIOS EM REDE: O
CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO /
Mithaly Salgado Corrêa. -- Rio de Janeiro, 2023.
79 f.

Orientador: Roberto Marques.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Geociências, Bacharel em Geografia, 2023.

1. Maternidade e Universidade. 2. Rede de
Movimentos Materno-universitários. 3. Espaço
Universitário. 4. Coletivos de Mães Universitárias.
I. Marques, Roberto, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

MITHALY SALGADO CORRÊA

**MOVIMENTOS MATERNO-UNIVERSITÁRIOS EM REDE: O CASO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Aprovada em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Marques (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Vânia Nunes Morgado
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado às mulheres-mães, companheiras de luta, especialmente as companheiras do Coletivo Mães da UFRJ, do Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade – Núcleo Materna e do Projeto Mães na Universidade da UFRJ, que me forneceram rede de apoio, incentivo e incentivaram forças durante toda a minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus filhos, que estiveram comigo em cada um dos momentos desta árdua jornada e me ensinaram a resistir em um mundo que nem sempre é gentil com crianças e mulheres-mães. Eles me fizeram uma mulher forte, incentivando-me a seguir na busca pelo meu objetivo.

Aos meus pais, Luiz Cezar Dias Corrêa e Claudia Marinho Salgado, que me ensinaram o valor da educação, da empatia e da solidariedade desde a minha infância. Que na medida do possível, me forneceram rede de apoio, tanto emocional, quanto material. Que acreditaram no meu potencial e me incentivaram a continuar, mesmo quando tudo parecia perdido.

Ao meu companheiro de vida, Pedro Olivieri Assed, agradeço pelo apoio diário, por ser meu porto seguro nos dias mais difíceis e por estar ao meu lado, compartilhando forças e me incentivando durante toda essa jornada. Agradeço por dividir comigo a desafiadora tarefa de criar três seres humanos para o mundo, por acreditar em mim a cada segundo, mesmo quando eu mesma duvidava. Agradeço por me lembrar diariamente do meu potencial e da minha força.

À professora Maria Naíse Peixoto por todas as orientações, pela paciência incansável e por ter acreditado em mim, me oferecendo a oportunidade de integrar, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, espaços dentro da universidade que, como discente mãe, jamais imaginei que poderia ocupar.

À professora Vânia Nunes Morgado, por ter me oferecido apoio, escuta e proporcionado um ambiente de acolhimento em todo o tempo que estive atuando junto à extensão, mas principalmente por ter sido um apoio fundamental para o término dessa longa jornada.

Às professoras Karín Menéndez-Delmestre e Sabrina Baptista, pelo incentivo, pelas trocas diárias, pelo imenso carinho e por sempre acreditarem em mim, proporcionando meios para o término da minha graduação e para a minha progressão científica.

Ao meu orientador Roberto Marques, agradeço imensamente por acreditar na minha pesquisa e por abraçar este tema ainda tão marginalizado no meu campo de estudos. Agradeço pelos diálogos nas reuniões de orientação, mas também pela escuta atenta e pela sensibilidade em se envolver com este trabalho, que é de grande importância para mim.

À minha grande amiga Fontel, agradeço pelo fortalecimento em cada ideia e projeto, por me acompanhar e auxiliar nessa jornada, por cada orientação, pelo intercâmbio de ideias e por sempre ter acreditado no meu potencial.

Às companheiras de luta Lizie Calmon e Gisele Camilo, agradeço pelo espaço de escuta, pelo acolhimento diário, pelas orientações e por me incentivarem a continuar.

*“E quem tem tempo ou energia para escrever,
depois de cuidar do marido ou amante,
crianças, e muitas vezes do trabalho fora de
casa? Os problemas parecem insuperáveis, e
são, mas deixam de ser quando decidimos que,
mesmo casadas ou com filhos ou trabalhando
fora, iremos achar um tempo para escrever”*

Gloria Anzaldúa

RESUMO

Esta pesquisa investiga o lugar das discentes mães na Universidade Federal do Rio de Janeiro, através da análise dos movimentos materno-universitários atuantes na instituição. O primeiro capítulo deste estudo apresenta o tema no qual a pesquisa se insere, fornecendo dados recentes sobre a realidade das mulheres brasileiras em relação ao trabalho de cuidado, as múltiplas jornadas que desempenham, bem como os impactos da pandemia de COVID-19 em suas vidas. O segundo capítulo deste estudo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa que tem como base a memória e a experiência. Para isso, são explorados os apontamentos teóricos de Dores (2017), Passos (et al, 2011) e Ferreira (2020). Foram sistematizados ao longo deste trabalho, relatos de acontecimentos, localidades, entrevistas, discursos e personagens considerados relevantes para a construção da memória social dos grupos investigados. Além disso, foram revisadas produções bibliográficas relacionadas a epistemologias feministas, perspectivas teórico-metodológicas, maternidade, gênero, espaço e redes, temas e conceitos que cercam a narrativa na qual os grupos investigados estão inseridos. O terceiro capítulo discute os impactos da pandemia de COVID-19 para mulheres-mães na universidade, dados sobre evasão universitária feminina e de discentes mães nas universidades brasileiras, bem como a formação, objetivos e trajetórias dos movimentos materno-universitários atuantes na instituição. Já o quarto e último capítulo aborda os movimentos materno-universitários a partir do conceito de rede, conforme trabalhado por Santos (2006) e Castells (2012), caracterizando a "Rede de Movimentos Materno-Universitários" sob a perspectiva dos movimentos materno-universitários atuantes na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Maternidade e Universidade. Redes de Movimentos Materno-Universitários. Espaço universitário. Coletivos de Mães Universitárias.

ABSTRACT

This research investigates the position of student mothers at the Federal University of Rio de Janeiro through the analysis of mother-university movements active within the institution. The first chapter of this study introduces the research topic, providing recent data on the reality of Brazilian women regarding caregiving work, the multiple roles they perform, as well as the impacts of the COVID-19 pandemic on their lives. The second chapter of this study presents the methodology used in the research, which is based on memory and experience. To do so, the theoretical contributions of Dores (2017), Passos (et al., 2011), and Ferreira (2020) are explored. Throughout this work, accounts of events, locations, interviews, speeches, and characters considered relevant to the construction of the social memory of the investigated groups were systematized. In addition, bibliographic productions related to feminist epistemologies, theoretical and methodological perspectives, motherhood, gender, space, and networks were reviewed, as these are themes and concepts that surround the narrative in which the investigated groups are inserted. The third chapter discusses the impacts of the COVID-19 pandemic on mother-students in universities, data on female university dropout rates and the presence of student mothers in Brazilian universities, as well as the formation, objectives, and trajectories of the mother-university movements active within the institution. The fourth and final chapter addresses the mother-university movements from the perspective of networks, as explored by Santos (2006) and Castells (2012), characterizing the "Network of Mother-University Movements" from the standpoint of the mother-university movements active at the Federal University of Rio de Janeiro.

Keywords: Motherhood and University. Networks of Mother-University Movements. University space. University Mother Collectives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico que representa o “Efeito Tesoura” _____	28
Figura 2 – Grupo do CMUFRJ no <i>Facebook</i> _____	30
Figura 3 – Distribuição dos Coletivos de Mães Universitárias no Brasil _____	31
Figura 4 – Listagem de Coletivos de Mães Universitárias no Brasil _____	32
Figura 5 – Reportagem do Portal G1 da Rede Globo “Alunas criam rede de apoio para mães dentro das universidades do RJ” _____	35
Figura 6 – Manifestação <i>30M</i> , com a presença de mães de diversos coletivos de mães universitárias do Rio de Janeiro _____	36
Figura 7 – Programa Toda Mulher da TV ALERJ: “Mães Universitárias” _____	37
Figura 8 – Reunião do Coletivo Mães da UFRJ no gramado do prédio de Letras, Campus do Fundão _____	38
Figura 9 – Palestra “Mães Adolescentes Negras na UFBA: As Intersecções entre Maternidade, Raça, Trabalho e Ensino” do I Seminário sobre Maternidade na Graduação - UFRJ _____	40
Figura 10 – Cartaz de divulgação do I Seminário sobre Maternidade na Graduação - UFRJ _____	41
Figura 11 – Espaço infantil montado para o I Seminário sobre Maternidade na Graduação - UFRJ _____	41
Figura 12 – <i>Website</i> do Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade - Núcleo Materna _____	46
Figura 13 – Página no <i>Instagram</i> do Núcleo Materna _____	46
Figura 14 – Pôster apresentado no <i>IX Congreso Nacional de Extensión y las VIII Jornadas de Extensión del Mercosur</i> e publicado no livro	

<i>Reflexiones y desafíos de la Extensión Universitaria en América Latina</i> _____	49
Figura 15 – Cartazes de divulgação do Curso de Extensão “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade” _____	50
Figura 16 – Trabalho final apresentado do Curso de Extensão “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade” intitulado “A Maternidade na História” _____	51
Figura 17 – Cartazes de Divulgação do Curso de Extensão “Escrevendo sobre Maternidade: desafios teórico-metodológicos” _____	52
Figura 18 – Mapa conceitual compartilhado nas redes sociais do projeto “Mães na Universidade” _____	52
Figura 19 – Apresentação de Seminário no curso “Escrevendo sobre Maternidade” _____	53
Figura 20 – Cartaz de Divulgação da Ação “Escuta Qualificada” _____	54
Figura 21 – Cartaz de divulgação do seminário “Maternidades Plurais em Diálogos” _____	55
Figura 22 – Imagem de divulgação do II Seminário Maternidade e Universidade - UFRJ _____	56
Figura 23 – Sessão de comunicação do IISMU/UFRJ _____	59
Figura 24 – Rede Nacional de Coletivos Materno-universitários _____	63
Figura 25 – Gênese dos Movimentos Materno-Universitários da UFRJ _____	65
Figura 26 – “Rede de Movimentos Materno-Universitários” _____	66
Figura 27 – Movimentos Materno-Universitários da UFRJ e suas conexões ____	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instituições Públicas de Ensino Superior Federais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi _____	32
Tabela 2 – Instituições Públicas de Ensino Superior Estaduais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi _____	33
Tabela 3 – Instituições Públicas de Ensino Superior Municipais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi _____	33
Tabela 4 – Submissões aprovadas para apresentação oral no IISMU/UFRJ divididas por Instituições, Estados e Regiões Brasileiras _____	58

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição Geográfica das Integrantes do Núcleo Materna no Brasil _____	45
Mapa 2 – Distribuição Geográfica das Submissões Aceitas no IISMU/UFRJ_	57
Mapa 3 – Distribuição Geográfica dos Coletivos de Mães Universitárias que Integram o Coletivo Nacional de Mães na Universidade _____	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ -	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
APG -	Associação de Pós-Graduandos
CECULT -	Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CESM -	Curso Escrevendo sobre Maternidade: desafios teórico-metodológicos
CIECM -	Curso Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade
CONSUNI -	Conselho Universitário da UFRJ
EQ -	Escuta Qualificada
ESEFID -	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
F3B-EFICE -	Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte
GT -	Grupo de Trabalho
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPR -	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
IISMU/UFRJ -	II Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ
ISMG/UFRJ -	I Seminário sobre Maternidade na Graduação da UFRJ
ManU -	Maternidade e Universidade: Ações de acolhimento e apoio às estudantes
MPED -	Mestrado Profissional em Educação e Diversidade
OMS -	Organização Mundial da Saúde
ONU -	Organização das Nações Unidas

PR -	Pró-Reitoria
SMPD -	Seminário Maternidades Plurais em Diálogos
UEFS -	Universidade Estadual de Feira de Santana
UERJ -	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA -	Universidade Federal da Bahia
UFF -	Universidade Federal Fluminense
UFLA -	Universidade Federal de Lavras
UFOP -	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA -	Universidade Federal do Pará
UFPB -	Universidade Federal de Pernambuco
UFPE -	Universidade Federal de Pernambuco
UFR -	Universidade Federal de Rondonópolis
UFRB -	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRRJ -	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS -	Universidade Federal de Sergipe
UFSC -	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM -	Universidade Federal de Santa Maria
UNEB -	Universidade do Estado da Bahia
UNIGRANRIO -	Universidade do Grande Rio
UNILA -	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNINASSAU -	Centro Universitário Maurício de Nassau

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO _____	18
2	METODOLOGIA _____	21
3	MATERNIDADE E UNIVERSIDADE _____	22
3.1	Coletivo Mães da UFRJ: criação, objetivos e ações _____	29
3.1.1	Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade & Projeto de Extensão Mães na Universidade da UFRJ _____	44
4	MOVIMENTO MATERNO-UNIVERSITÁRIO: LUGAR, ESPAÇO E REDE _____	60
4.1	Movimento materno-universitário em rede _____	61
4.1.1	Caracterizando a rede de movimentos materno-universitários _____	64
5	CONCLUSÃO _____	68
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	71
7	APÊNDICE A – LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E APRESENTADOS NO EIXO 1 - (MATERNIDADE E UNIVERSIDADE) DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ _____	76
8	APÊNDICE B – LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E APRESENTADOS NO EIXO 2 (MATERNIDADE E CULTURA) DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ _____	77
9	APÊNDICE C – LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E APRESENTADOS NO EIXO 3 (MATERNIDADE E INTERSECCIONALIDADE) DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ _____	78

10 APÊNDICE D – LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E APRESENTADOS NO EIXO 4 (MATERNIDADE E SAÚDE) DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ _____ 79

1 INTRODUÇÃO

De acordo com um estudo conduzido pela Gênero e Número e pela Sempre Viva Organização Feminista - SOF (2020), metade das mulheres brasileiras entrevistadas passaram a assumir responsabilidades de cuidado durante a pandemia e 72% dessas mulheres declararam que a demanda por cuidados, tais como monitoramento e companhia para crianças, idosos ou pessoas com deficiência, aumentou durante esse período. A centralização das mulheres no que se refere ao trabalho de cuidado torna-se evidente ao percebermos que em todo o mundo elas são responsáveis por mais de 75% do trabalho de cuidado¹ não remunerado, além de representarem dois terços do trabalho de cuidado remunerado (OXFAM BRASIL, 2020). Sobre a atuação feminina nas profissões relacionadas ao trabalho de cuidado, (SILVA et al., 2020) discorre:

A atuação feminina em profissões de cuidado é uma construção histórica, cultural e social, resultante da configuração de uma sociedade machista, patriarcal e misógina na qual atividades relacionadas ao cuidado deveriam ser desempenhadas pelas mulheres, incluindo a reprodução e cuidados com a casa, com os idosos e com os (as) filhos (as), já atividades do ambiente público e melhores remuneradas, atividades do pensar, deveriam ser desempenhadas pelos homens (SILVA, et al., 2020, p. 153)

Além disso, no Brasil, segundo dados do IBGE do ano de 2015 apresentados em relatório pelo Observatório Nacional da Família, do universo total de famílias classificadas pelo IBGE², mulheres sozinhas com filhos representavam 16,3% desse universo, enquanto homens sozinhos com filhos representavam apenas 2,2%. A pesquisa ainda indica que, entre os arranjos familiares analisados, famílias monoparentais femininas, ou seja, na qual as mulheres são as únicas responsáveis pela família, auferem, em média, o menor rendimento familiar per capita. Os dados da OXFAM Brasil (2020) e do IBGE (2015) nos levam a refletir sobre a significativa disparidade de gênero no que concerne as responsabilidades de cuidado exclusivas dos filhos e como essa disparidade aparentemente impacta na situação econômica das mulheres.

¹ Sobre o conceito de cuidado, ler AGUDELO BEDOYA (IN MEMORIAM) et al., 2020.

² Demais classificações do estudo e suas respectivas porcentagens: Unipessoal masculino (7,2%), unipessoal feminino (7,3%), casal sem filhos (19,9%) e casal com filhos (42,3%) (IBGE, 2015).

No período entre 2020 e 2021, o advento da pandemia de covid-19 e as mudanças recorrentes do isolamento social, no que concerne a modificação dos usos e das funções dos espaços, evidenciaram as desigualdades sociais existentes, sobretudo quando consideramos a intersecção de marcadores sociais como gênero, raça e classe. Esse contexto de alterações significativas nos espaços coloca até mesmo em questão a conquista da emancipação feminina. Sobre a emancipação feminina, (REIS, 2015) discorre:

A emancipação da mulher, o combate cotidiano pelas reformas, pela melhoria da situação das mulheres no marco da ordem social vigente deve se dar no seio da classe trabalhadora, pois somente dessa forma pode se alcançar o poder político e o fim de todas as opressões e discriminações (REIS, 2015, p. 14)

Para Federici (2019) a não-emancipação feminina é maquiada, muitas vezes, através da adequação ao sistema capitalista neoliberal. Neste caso, essa adequação se concretiza na transferência de parte do trabalho de cuidado, culturalmente e socialmente imposto à mulher como sua responsabilidade (BEAUVOIR, 1960b; BADINTER, 1985; FEDERICI, 2019; OLIVEIRA & MARQUES, 2020), para profissionais do cuidado – uma categoria majoritariamente composta por outras mulheres, em grande parte também mães, e mal remuneradas³ (OXFAM BRASIL, 2020). As mulheres-mães em geral⁴, independentemente de sua classe social, precisam recorrer às *redes de apoio*⁵; estas são utilizadas como estratégia para sobrevivência em meio as duplas e triplas jornadas impostas na conciliação do trabalho de cuidado com o trabalho produtivo e/ou os estudos em uma sociedade onde o cuidado de crianças e idosos é visto como um trabalho natural e exclusivo da mulher (BEAUVOIR, 1960a, 1960b; BADINTER, 1985). Segundo Oliveira & Marques (2020, p. 3) entre o término do século XIX e princípio do século XX *“preparou e articulou-se a tese de que o destino sociocultural da nação envolveria necessariamente o espaço privado do lar, cuja saúde e equilíbrio dependeriam particularmente da mulher na posição de mãe devotada”*.

³ Silvia Federici (2019) discorre sobre a comercialização do trabalho reprodutivo e sua distribuição nas “costas” de outras mulheres como “solução” que joga a crise do trabalho doméstico para as famílias de mulheres cuidadoras remuneradas, criando novas desigualdades entre elas.

⁴ Para Federici (2019), a demanda por salários para o trabalho doméstico reconheceu que o trabalho doméstico é o problema que todas as mulheres tem em comum.

⁵ Sobre redes de apoio, ler Rapoport e Piccinini (2011).

A partir do isolamento social, os lares – majoritariamente chefiados por mulheres no Brasil – foram invadidos pelas atividades escolares, universitárias e, em grande parte, pelos trabalhos produtivos. O que antes era função – e responsabilidade – dessas instituições passou, repentinamente, a ser responsabilidade das famílias. Além disso, grande parte das mulheres-mães perderam suas redes de apoio *permanentes* e/ou *transitórias*⁶ e passaram a conciliar, durante 24 horas por dia e em confinamento, o seu trabalho produtivo, o trabalho produtivo de outros membros da família, os estudos do(s) filho(s) e o cuidado do lar e da família.

No caso das discentes mães, que são o objeto deste trabalho, estas tiveram ainda que conciliar todas essas jornadas com os seus estudos, agora remotos. Diante disso, o espaço do lar precisou se adaptar a novas formas, pois recebeu novas funções. A sala de estar virou parquinho infantil, a cozinha virou sala de aula da(s) criança(s), o quarto virou escritório, ou seja, o lar foi bruscamente modificado para suportar atividades antes exercidas em espaços construídos para estas finalidades. Segundo Oliveira (2020):

A Pandemia de COVID-19 mudou a vida de crianças e famílias em todo o mundo, esforço-me em pensar o cotidiano doméstico de famílias que estão em suas casas com crianças. Para isso, é preciso ter sensibilidade analítica e exercitar a visão (com alguma poesia) e uma escuta atenta para reconhecer as consequências do fechamento de escolas e das restrições de movimento, que embora sejam considerados necessários, modificaram a rotina das crianças e impactam os sistemas de apoio e as práticas de cuidado de que dependem as famílias. A suspensão das aulas e o fechamento das escolas adicionou novas formas de estresse aos cuidadores e em muitos casos tornou este cuidado inconciliável com outros trabalhos (OLIVEIRA, 2020, p. 156)

Sobre o impacto das medidas de contenção ao Coronavírus - como o isolamento social - no espaço do lar, a ONU Mulheres (2020) discorre:

Impactos imediatos dessas medidas ocorreram no ambiente doméstico com alterações significativas no cotidiano das famílias e nas rotinas pessoais, levando a uma intensificação da convivência doméstica e familiar em espaços e condições nem sempre adequados para comportar as recém criadas necessidades de ensino à distância, teletrabalho e cuidados domésticos. São mudanças difíceis por si só, dada a necessidade de adaptação individual e coletiva que demandam, e requerem especial atenção pelas desigualdades sociais, econômicas, o racismo e sexismo estruturais que caracterizam a sociedade brasileira. (ONU MULHERES, 2020, p. 5).

⁶ Sobre as categorias de redes de apoio, ler MATA, G. C. DA., 2022.

No que concerne ao aumento das disparidades de gênero na academia durante a pandemia, uma avaliação da produtividade de pesquisadores homens e mulheres, com e sem filhos, foi realizada pelo movimento Parent in Science (2020) e por Staniscuaski (et al., 2021). Os resultados dessas pesquisas sugerem que gênero, parentalidade e raça estão relacionados à (in)capacidade de submissão de artigos e cumprimento de prazos no período pandêmico. A pesquisa também indica que mulheres negras – com ou sem filhos – junto com mulheres brancas com filhos, sofreram maior impacto na produtividade acadêmica em razão da pandemia, já os homens sem filhos foram os menos impactados pela pandemia. Infelizmente a pesquisa não avaliou o impacto da pandemia na trajetória acadêmica de discentes mães da graduação, mas diante desses dados e dos dados levantados para este trabalho, podemos sugerir que estas também foram gravemente impactadas.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa, de cunho qualitativo, utiliza como metodologia a *memória*. A metodologia da memória, de acordo com Passos (et al, 2011) consiste em uma forma intensa de coleta de dados, em que o pesquisador escuta e faz as suas anotações durante a ocorrência do evento, para posteriormente reconstruí-lo de forma mais precisa. Destacam-se como principais ações a serem executadas nessa metodologia: a escuta ativa, o registro sistemático e a posterior disponibilização do material produzido (PASSOS, et al, 2011). Segundo Ferreira (2020) considerar a memória como uma fonte de investigação é importante para compreender que a reflexão histórica não objetiva apenas "descrever o passado", mas sim oferecer um patrimônio de experiências e vivências, ainda para a autora, "*a memória é fonte de história e, ao mesmo tempo, instrumento de subversão, de resistência*" (FERREIRA, 2020, p. 27). Ferreira (apud POLLAK, 1989) discorre que, no contexto da vida social, há uma disputa entre a memória oficial e a memória subterrânea. A última, por se originar de minorias, tende a ser marginalizada.

Segundo Dores (2017, p. 119 apud POLLAK, 1992), para *enquadrar uma memória*, é necessário estabelecer um quadro de referências que inclua discursos, homenagens, acontecimentos, locais específicos, personagens e outros elementos que reforcem e expliquem a memória social. Esse processo, segundo a autora, requer uma

reconstrução lógica e coerente que seja aceitável, uma vez que está em jogo a construção da própria identidade de um povo ou de um grupo social. Para tanto, é necessário estabelecer uma unidade física, uma continuidade temporal e um sentimento de coerência que permita dar sentido e significado à memória em questão (DORES, 2017, p. 119 apud POLLAK, 1992).

Com base na metodologia da memória discutida por Dores (2017), Passos (et al, 2011) e Ferreira (2020), essa pesquisa foi construída a partir dos seguintes métodos: (1) Levantamento bibliográfico acerca das perspectivas teórico-metodológicas, epistemologias feministas, maternidade, gênero, espaço e redes; (2) Levantamento de dados qualitativos e quantitativos acerca do tema investigado e (3) Sistematização documental, reconstrução a partir da memória e análise empírica a partir da participação ativa, entre os anos de 2019 e 2023, nos movimentos materno-universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3 MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

O mundo se deparou com uma pandemia que fez ruir, por um significativo período de tempo, a configuração dos espaços, seus usos e suas funções. Na universidade, mulheres-mães discentes, servidoras docentes e servidoras técnico-administrativas perderam suas redes de apoio e foram impactadas com o fechamento das creches e das escolas particulares e públicas (OLIVEIRA, 2020). Especialmente as mulheres, como as pesquisas indicam, sentiram o peso de ter que conciliar, simultaneamente e dentro do mesmo espaço, o trabalho de cuidado das crianças, do lar e o trabalho produtivo. Segundo a ONU Mulheres Brasil:

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas. (ONU MULHERES, 2020, p.1)

Sobre o espaço social, suas relações, funções e divisões, Lefebvre (2000) aponta:

O espaço social contém, ao lhe assinalar os lugares apropriados (mais ou menos), as relações sociais de reprodução, a saber, as relações biofisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização específica da família – e as relações de produção, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto, as funções sociais hierarquizadas. Esses dois encadeamentos, produção e reprodução, não podem se separar: a divisão

do trabalho repercute na família e aí se sustenta; inversamente, a organização familiar interfere na divisão do trabalho; todavia, o espaço social discerne essas atividades para “localizá-las”. (LEFEBVRE, 2000, p. 57)

Dito isto, o espaço universitário assume a forma das relações de produção, a fim de oferecer as condições propícias para a produção do conhecimento, o que inclui uma organização, uma divisão do trabalho e funções sociais hierarquizadas, como aponta Lefebvre (2000). Essa forma inclui estruturas físicas e simbólicas (OLIVEIRA; CRANCHI, 2017; RODRIGUES; SPIRONELLO, 2019), tais como o pátio da universidade, os corredores, os banheiros, as salas de aulas, os laboratórios, os restaurantes universitários, as bibliotecas, o alojamento universitário, as salas de convivência, os murais, exposições, dentre outras estruturas. O intercâmbio de conhecimento entre discentes e professores, que pode acontecer dentro ou fora da sala de aula, também está incluso nas formas e funções do espaço universitário e, assim como os alunos estão sujeitos às regras e normativas que fazem parte da organização desse espaço, todo o corpo social da instituição também está. Dito isto, a organização do espaço universitário é feita com uma finalidade, permitir a realização de atividades ligadas ao ensino, à pesquisa e à extensão a fim de se produzir conhecimento.

O espaço do lar também assume uma função e uma forma, que apesar das variações elementares (e.g. tipos de famílias existentes, membros da família, etc.) geralmente gira em torno da proteção familiar e da privacidade. O lar é o ambiente que, pelo menos em tese, deve oferecer conforto e segurança aos seus residentes. É o lugar onde a individualidade é exercida, onde sua forma assume um sentido também de subjetividade. O lar também é o lugar onde a reprodução social acontece, através do trabalho reprodutivo e de cuidado (ARIÉS, 1986; LEFEBVRE, 2000; MOURA; ARAÚJO, 2004).

Durante a pandemia, a Universidade precisou adaptar-se ao ensino remoto, enquanto seus membros se esforçavam para manter suas atividades. As docentes mães, por exemplo, mantiveram suas responsabilidades como ministrantes de aulas, orientadoras de alunos, coordenadoras de projetos de pesquisa e extensão e na produção acadêmica, tudo a partir do espaço doméstico. Já as discentes mães, muitas das quais dependentes de bolsas de permanência ou acadêmicas, e com recursos limitados, como acesso à internet, computadores, celulares ou tablets, tiveram de

equilibrar os estudos remotos com as tarefas de cuidado e, em muitos casos, com trabalhos produtivos, sejam eles presenciais ou remotos. Muitas alunas mães precisaram dividir um único dispositivo eletrônico com os demais membros da família, incluindo os seus filhos, que também precisavam realizar tarefas escolares remotamente. De acordo com Silva (et al., 2020):

A lógica de produção capitalista ignora as questões da vida fora do ambiente de trabalho, mesmo quando este trabalho é desenvolvido dentro do ambiente doméstico, o chamado *home office*, ao mesmo tempo que as questões das mulheres referentes à conciliação de maternidade e vida profissional permanecem circunscritas como uma questão da vida privada. (SILVA, et al, 2020, p. 150)

Londa Schiebinger (2001) descreve que, entre a cultura das mulheres e a ciência existe um choque histórico, esse choque advém de um conflito entre a vida doméstica e a vida profissional. A autora sugere que os arranjos domésticos são parte da cultura científica, portanto a tensão entre carreira e família ocorrida entre ambos os sexos, mas especialmente entre as mulheres, não deve ser considerada da esfera privada. Segundo a autora:

Desde o século XVIII o celebrado "indivíduo" tem sido, na verdade, o homem chefe-de-família. A cultura profissional foi estruturada para assumir que um profissional tem uma esposa que fica em casa (hoje em dia, às vezes um marido) e acesso ao seu trabalho não remunerado. (SCHIENBINGER, 2001, p. 42-43)

A cultura profissional, no entanto, sofreu modificações ao longo do tempo e as mulheres entraram no mercado de trabalho - não necessariamente no mercado formal – além disso, muitas delas, como mostram as pesquisas, começaram a ingressar nas universidades, ocupando desta forma a esfera pública, porém a entrada no mercado de trabalho e o ingresso nas universidades não diminuiu o trabalho desse grupo no ambiente doméstico, fazendo com que as mulheres, em especial as mulheres-mães, acumulassem múltiplas funções e múltiplas jornadas. Muitas discentes mães trabalhadoras, no contexto do isolamento social, não tiveram sequer a possibilidade de realizar suas atividades profissionais em *home office*, especialmente aquelas trabalhadoras de serviços essenciais, como as trabalhadoras da área da saúde. Isso demonstra que algumas classes, tanto foram mais atingidas pela pandemia – pelo acúmulo de jornadas, perda de rede de apoio e por estarem mais expostas aos riscos

de contaminação – quanto foram mais atingidas pelas assimetrias provocadas pela continuidade das atividades acadêmicas de forma remota.

Pais, mães e cuidadores docentes do campus de Macaé, da UFRJ, se uniram diante do cenário caótico provocado pelas consequências da pandemia de COVID-19, na Universidade. A grande maioria, servidoras mães, que expuseram a situação vivida durante o exercício profissional na pandemia. A mobilização resultou na divulgação de uma carta, que recebeu mais de 120 assinaturas de docentes da instituição, reivindicando medidas que amparassem as servidoras e servidores na condição de cuidadores dentro da universidade. A mobilização contou com o apoio de discentes mães da graduação e discentes mães da pós-graduação (e.g. Coletivo Mães da UFRJ, Núcleo Materna e APG/UFRJ). A grande mobilização entre esses grupos chamou a atenção da Reitoria da instituição, que convocou uma reunião para discutir essas demandas e, após este encontro, a reitoria institucionalizou o Grupo de Trabalho Parentalidade e Equidade de Gênero da UFRJ (GTPEG/UFRJ), por meio da Portaria N° 8772, do dia 09 de dezembro de 2020, modificada pela Portaria N° 503, de 18 de janeiro de 2023, com a finalidade de propor ações destinadas à promoção da igualdade de gênero na UFRJ. A portaria institui como atribuições do GT:

I - discutir e propor políticas de apoio à parentalidade, especialmente a maternidade, para docentes, técnico-administrativas e discentes no âmbito da Universidade; II - dialogar com a comunidade acadêmica sobre o viés implícito e a construção de estereótipos de gênero que representem barreiras à participação feminina nas diversas áreas do conhecimento e espaços de decisão; III - propor políticas de incentivo à participação feminina, em particular à ocupação de cargos de liderança nas diferentes esferas da universidade, incluindo ensino, pesquisa, extensão, gestão e governança; IV - propor políticas de apoio à pluralidade e diversidade nos espaços acadêmicos, visando ao aumento da participação de grupos sub-representados em critérios de gênero e sexualidade; V - incentivar a igualdade de gênero na composição de comissões de avaliação e instâncias decisivas dentro da Universidade. (BOLETIM UFRJ, 2020)

O GTPEG/UFRJ, por deliberação da Reitoria, foi composto por discentes de graduação e pós-graduação, servidoras docentes e servidoras técnico-administrativas, além de uma assessoria externa à universidade, representada pela professora Letícia de Oliveira, da Universidade Federal Fluminense, coordenadora, à época, do GT Mulheres na Ciência da UFF – atualmente modificado para Comissão Permanente de Equidade de Gênero da UFF – e integrante do movimento nacional Parent In Science (MARTINS et al., 2022). As discentes de graduação e pós-

graduação deliberadas como representantes do GTPEG/UFRJ, em sua grande maioria, já atuavam dentro da universidade em outros movimentos ativistas de mães universitárias que denunciam as disparidades e dificuldades que discentes mães vivem dentro da instituição, como o Coletivo Mães da UFRJ (CMUFRJ) e o Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade (Núcleo Materna).

Atualmente, nas instituições de ensino superior brasileiras, as mulheres representam 54,6% do corpo discente, em sua maioria matriculadas em cursos relacionados ao cuidado⁷. Importante apontar que, quanto maior a idade dessas mulheres, menor é a sua presença destas nas instituições de ensino superior, isso pode ser explicado pelo aumento da possibilidade de maternidade e do aumento do número de filhos nas faixas etárias mais avançadas (ANDIFES; FONAPRACE, 2019). Apesar da significativa representatividade no ensino superior, as mulheres também representam o público com maior taxa de trancamento de matrículas (FONAPRACE; ANDIFES, 2019) e de evasão universitária, em razão da licença-maternidade⁸ (ANDIFES; FONAPRACE, 2011) e do casamento (ANDRADE, 2016), além de outros fatores como impedimento de saúde e dificuldade de aprendizagem (ANDIFES; FONAPRACE, 2019). A responsabilidade com os filhos e dependentes também constituem fatores para a evasão universitária (MOROSINI et al., 2012), assim como a ausência de políticas institucionais e de assistência, incluindo a infraestrutura do espaço universitário e a escassez de políticas de permanência, além de discursos e práticas que, direcionadas às mães discentes no espaço universitário, as excluem desse espaço (URPIA, 2009; FONTEL, 2019; SILVA, 2017; SILVA 2021; CORRÊA, 2022; CALMON, 2022). As questões relacionadas à licença-maternidade, ao cuidado com filhos e dependentes e ao casamento são fatores que podem impactar na evasão de mulheres das universidades, evidenciando que a responsabilidade pelo trabalho de cuidado e pelo trabalho reprodutivo, atividades muitas vezes associadas à maternidade, têm influência direta na permanência dessas mulheres no ensino superior.

⁷ Entende-se como cursos associados ao cuidado, levando em consideração discursos políticos e sociais acerca de tais profissões, a Enfermagem, a Psicologia, a Pedagogia, o Serviço Social, entre outros.

⁸ Como o documento analisado aborda exclusivamente a realidade do corpo discente dessas instituições, acredita-se que o termo “licença-maternidade”, descrito no documento, se refere ao Regime de Exercícios Domiciliares, no qual a discente gestante ou puérpera tem direito.

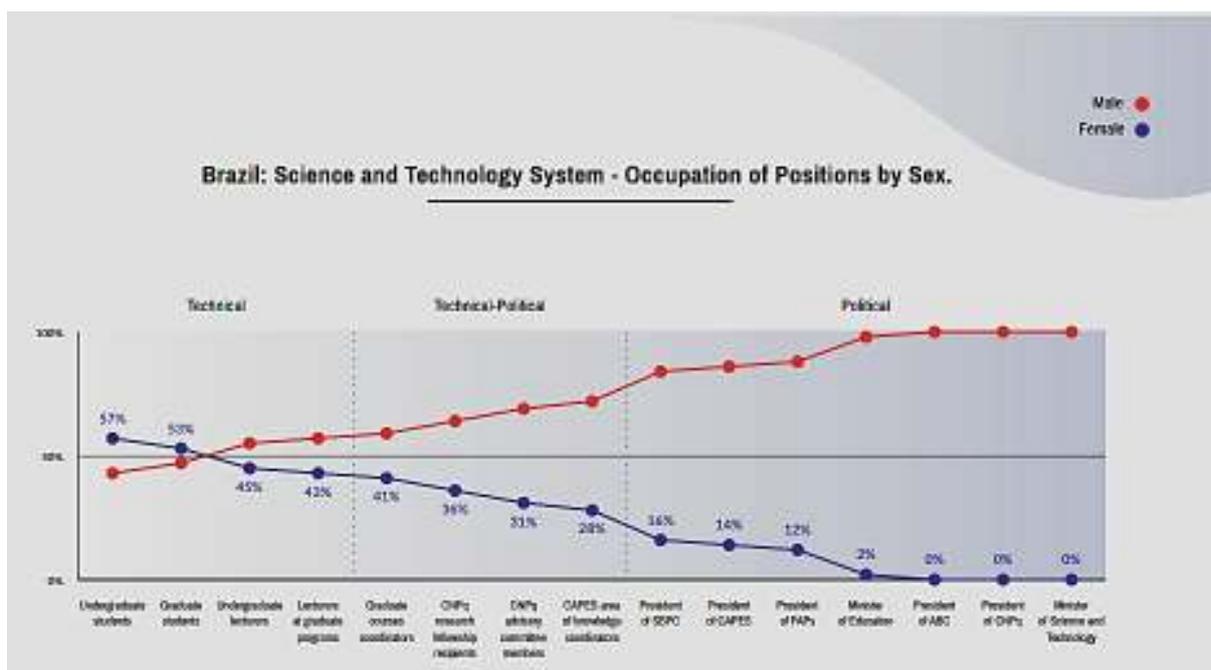
A discente mãe encontra-se em um contexto de vulnerabilidade, em uma posição onde se faz necessário, não somente a conciliação do trabalho de cuidado do(s) filho(s), os estudos e trabalhos acadêmicos, mas também a conciliação destes com o trabalho formal ou informal (ANDIFES; FONAPRACE, 2019). Nos casos onde a discente mãe pretende seguir carreira científica, soma-se ainda a essas jornadas a dedicação à pesquisa, através da Iniciação Científica e, em outros casos, por exigência do currículo, do envolvimento em projetos de extensão universitária. Sem levar em consideração todo esse acúmulo de responsabilidades na vida da mãe discente, esta precisa cumprir critérios acadêmicos, nada equânimes, de avaliação, que não levam em conta a realidade da discente mãe, como o coeficiente de rendimento (CR). Tudo isso traz como resultado a implicação de uma sobrecarga de jornadas e atravessamentos cotidianos e, conseqüentemente, o aumento da dificuldade em relação à permanência universitária de discentes mães, especialmente discentes mães que vivem a maternidade solo, que representam 68,5% do grupo parental discente nas universidades (ANDIFES; FONAPRACE, 2019). Ainda segundo a mesma pesquisa:

Isso é em parte produto da maior proporção delas entre graduandos (as), mas provavelmente está também associado à maior incidência de pessoas do sexo feminino à frente de famílias monoparentais na população em geral. (ANDIFES; FONAPRACES, 2019, p. 61)

Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES do ano de 2018, as discentes mães levam quatro vezes mais seus filhos para a universidade, enquanto os discentes pais recebem mais apoio familiar no cuidado com seus filhos para frequentar a universidade. Esse dado explicita como culturalmente as mulheres são mais impelidas a assumirem sozinhas a responsabilidade pelo cuidado do(s) filho(s) do que os homens e, em razão deste fato, como elas encontram-se em uma situação mais difícil dentro das universidades, mais expostas às recorrentes expulsões por parte de docentes das salas de aula, à falta de estrutura para acolhimento de bebês e crianças e à falta de acesso, por exemplo, aos restaurantes universitários acompanhadas de seu(s) filho(s). A expulsão (FONTEL, 2019) de discentes mães do espaço universitário também se reflete na

progressão científica dessas sujeitas⁹. Embora o ingresso feminino em cursos de graduação pareça igualitário, a disparidade de gênero aumenta significativamente à medida que as carreiras progredem até os níveis mais elevados, ao contrário dos homens, que continuam a ter sucesso em suas trajetórias, este fenômeno é chamado por pesquisadores de efeito tesoura (MENEZES, et al., 2017). Essa disparidade é ilustrada pela forma da curva, semelhante a uma tesoura aberta, em que a curva dos homens aumenta, enquanto a curva das mulheres se distancia, mostrando acentuada disparidade de gênero na carreira, como mostra a figura 1:

Figura 1 - Gráfico que representa o “Efeito Tesoura”.



Fonte: Arêas, et al, 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/342541642_Gender_and_the_scissors_graph_of_Brazilian_science_from_equality_to_invisibility.

O panorama estatístico apresentado está alinhado com as demandas reivindicadas por grupos de mulheres-mães universitárias, que relatam dificuldades na permanência e progressão dentro das universidades brasileiras, baseadas em suas experiências intrainstitucionais. Esses movimentos estudantis são liderados principalmente por mulheres que, considerando a interseccionalidade das opressões (MATA, 2022), reconhecem como a maternidade intensifica as dificuldades estruturais de

⁹ A palavra "sujeitas" é utilizada como uma forma de indicar que as ideias apresentadas estão submetidas a fatores ideológicos e relacionais. Ver mais em NESPOLI-RAMOS, 2019.

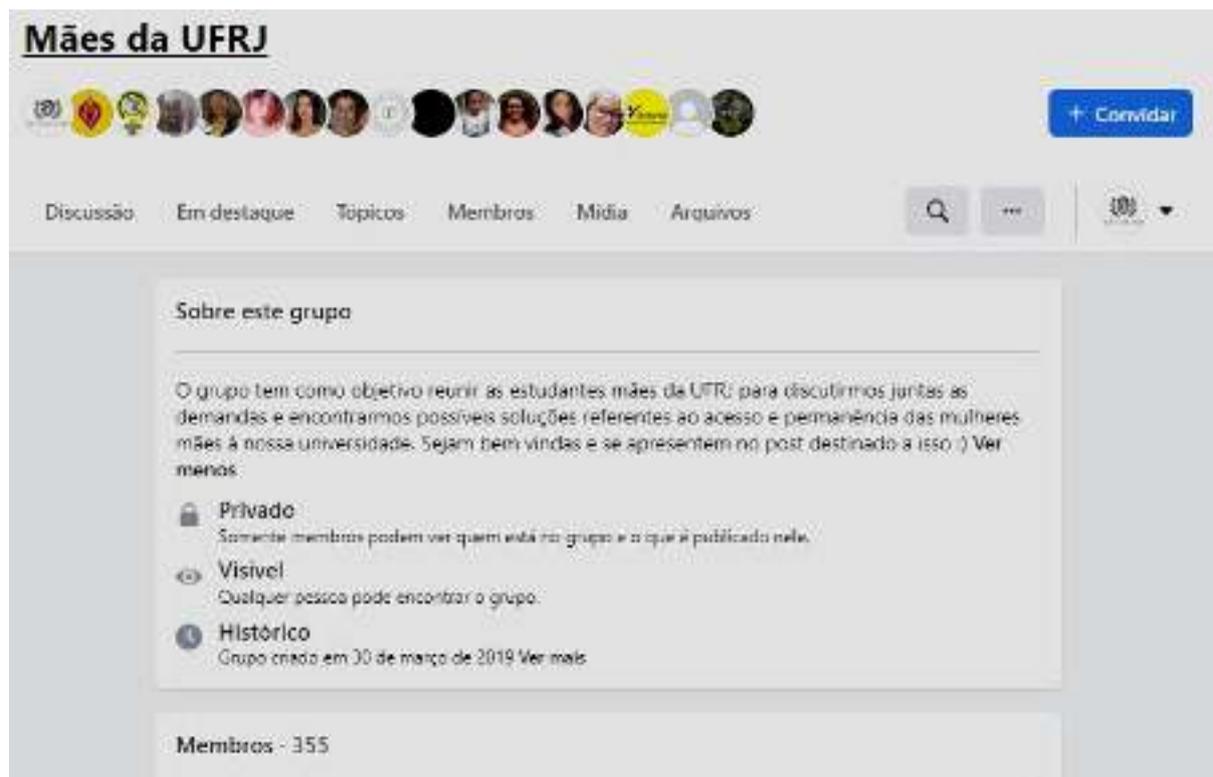
permanência neste espaço. Para esse grupo, a maternidade associada aos demarcadores de opressão, tornam evidentes as barreiras estruturais que enfrentam na universidade. Segundo Fontel (2022), identificar marcadores de opressão, como gênero, raça e classe, na universidade é um trabalho desafiador, pois evidencia desigualdades que as atuais políticas de assistência estudantil não são capazes de solucionar. Além disso, ainda segundo a autora, a cultura, ao repetir essas situações, acaba naturalizando essas desigualdades.

Diante desse cenário de desigualdades, se faz necessário, portanto, um olhar mais atento das instituições de ensino superior para suas discentes mães, através da atuação na criação e implementação de políticas que visem apoiar a inclusão, a permanência e a progressão acadêmica e científica de discentes mães, para que medidas que busquem equalizar essas disparidades, sejam implementadas ainda na graduação.

3.1 Coletivo Mães da UFRJ: criação, objetivos e ações

Em março do ano de 2019, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, engendrou-se um movimento ativista organizado especificamente para reivindicar os direitos das mães discentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Coletivo Mães da UFRJ (CMUFRJ). O coletivo surge a partir da necessidade das discentes mães, especialmente de graduação, de identificar o corpo social de mães discentes da instituição através da produção de dados e da coleta de relatos desse grupo, bem como de identificar suas dificuldades em relação à permanência universitária a fim de reivindicar mudanças no espaço universitário. O CMUFRJ teve grande visibilidade desde a sua criação e, em seu primeiro mês de existência, conseguiu reunir em um grupo virtual, cerca de 300 discentes mães. Inicialmente essa reunião resultou em inúmeras discussões e relatos no grupo do *Facebook* do coletivo acerca da compatibilização da maternidade com as demandas universitárias, além de debates sobre as dificuldades institucionais que incidiam na permanência - ou não-permanência - das discentes mães na universidade. Além das discussões, esse espaço também foi utilizado para articular encontros e ações do próprio coletivo.

Figura 2 - Grupo do CMUFRJ no Facebook.



Fonte: acervo pessoal da autora (2023).

Os coletivos são movimentos sociais que ocupam um lugar de destaque no cenário universitário (PEREZ, 2017), caracterizados pela promoção de atividades dentro das faculdades e pela promoção do debate social, principalmente em relação aos grupos oprimidos pelas divisões sociais. A divulgação desses debates, por meio das mídias e das redes digitais, gera poder de ação desses movimentos, alimentando debates acadêmicos e sociais. Os coletivos, portanto, são coletividades de mobilização social, reconhecidos por seu pequeno porte, ausência de hierarquia, alta mobilidade, independência institucional e múltiplas agendas (SILVA; SALVADOR, 2021). Segundo Silva e Salvador (apud OLIVEIRA, 2021; SOUZA, 2020), os coletivos de mães universitárias visam construir redes de apoio e debates para provocar a reflexão do corpo social das instituições nas quais atuam sobre os desafios de conciliar os estudos acadêmicos com a maternidade, além de estabelecer diálogos com essas instituições a fim de se implementarem políticas e normativas que promovam a permanência universitária para esse grupo.

Figura 3 - Distribuição dos Coletivos de Mães Universitárias no Brasil



Fonte: SILVA, J. M. S., SALVADOR, A. C. (2021).

Atualmente, existem no Brasil, com representatividade em quatro regiões brasileiras (sudeste, sul, centro-oeste e nordeste), 25 coletivos de mães universitárias, dois destes coletivos mapeados são de atuação nacional, com representantes de coletivos de mães universitárias de diversas instituições de ensino superior do Brasil (SILVA; SALVADOR, 2021). O estudo sugere um aumento na criação de coletivos de mães universitárias ao longo dos últimos 11 anos, atingindo o auge de criações durante a Pandemia de COVID-19 (CORRÊA; et al., 2022).

O coletivo precedente aos demais, segundo o mapeamento analisado, é datado do ano de 2010, entre 2014 e 2016 são engendrados mais 3 coletivos, entre 2017 e 2019 mais 13 coletivos surgem e, somente no ano de 2020, mais 8 coletivos são engendrados (SILVA; SALVADOR, 2021).

Figura 4 - Listagem de Coletivos de Mães Universitárias no Brasil

COLETIVO	ATUAÇÃO/UNIVERSIDADE	INÍCIO
Mamães na Pós-Graduação	Nacional	2017
Coletivo Nacional de Mães Universitárias	Nacional	2018
Coletivo de Mães da UFMA	Universidade Federal do Maranhão	2018
Coletivo de Maternâncias Plurais da UFBA	Universidade Federal da Bahia	2020
Coletivo de Mães da UnB	Universidade De Brasília	2017
Coletivo de Mães da UFG	Universidade Federal De Goiás	2018
Coletivo de Mães e Pais da UFR	Universidade Federal de Rondonópolis	2020
Coletivo de Mães e Pais da UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana	2015
Coletivo MãEstudante	Universidade Federal De Santa Catarina	2017
Coletivo de Mães UFPR	Universidade Federal do Paraná	2020
Grupo de Mães e Pais Universitários/UFSCar - GPMU	Universidade Federal de São Carlos	2010
Coletivo de Pais e Mães da UFRRJ - COPAMA	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	2014
Coletivo de Mães da UFF - CMUFF	Universidade Federal Fluminense	2016
Coletivo de Mães e Pais da UFABC	Universidade Federal do ABC Paulista	2017
As PUC que Pariu	Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre	2018
Mães da UFRJ	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	2019
Mães Universitárias – Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros	2019
Maternativa	Universidade Federal de Minas Gerais	2019
Coletivo de Pais e Mães Copama UFRRJ ITR	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Instituto Três Rios	2019
Núcleo de Mães e Pais da Unifesp - NMPU	Universidade Federal de São Paulo	2019
Mães do CRUSP (Conjunto Residencial da USP)	Universidade de São Paulo	2020
Coletivo Dandara de Mães e Gestantes da Unirio - Colodanda	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	2020
Núcleo Interseccional de Pesquisa em Educação em Saúde e Direitos da Criança - NUPES-CRIA.	Universidade de São Paulo	2020
MaternaCiência	Universidade Federal de São Paulo	2020
Coletivo de Mães da UFLA	Universidade Federal de Lavras	2020

Fonte: SILVA, J. M. S., SALVADOR, A. C, 2021.

As tabelas (1), (2) e (3) mostram o quantitativo de instituições públicas de Ensino Superior (federais, estaduais e municipais) no Estado do Rio de Janeiro e as suas respectivas quantidades de câmpus.

Tabela 1 – Instituições Públicas de Ensino Superior Federais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi.

Instituição	Nº de Campi
IFF	16
UFRJ	10
IFRJ	10
UFF	8
CEFET-RJ	7
UFRRJ	3
UNIRIO	3
Colégio Pedro II	1

Fontes: <https://www.educabras.com/faculdades/estado/rj>; <http://www.cefet-rj.br/>;
<http://www.cp2.g12.br/blog/graduacao/>; <https://portal1.iff.edu.br/>; <https://portal.ifrj.edu.br/>;
<https://www.uff.br/>; <https://ufrj.br/>; <https://portal.ufrj.br/>; <http://www.unirio.br/>.

Tabela 2 - Instituições Públicas de Ensino Superior Estaduais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi.

Instituições	Nº de Campi
FAETERJ	10
UERJ	5
UENF	3
UEZO	1
ISERJ	1

Fontes: <https://www.educabras.com/faculdades/estado/rj>; <https://www.iserj.edu.br/>;
<http://www.faecetec.rj.gov.br/>; <https://uenf.br/portal/institucional/sobre-a-uenf/>; <http://www.uezo.rj.gov.br/>;
<https://www.uerj.br/>.

Tabela 3 - Instituições Públicas de Ensino Superior Municipais localizadas no Estado do Rio de Janeiro e nº de campi.

Instituições	Nº de Campi
FEMASS	1

Fontes: <https://www.educabras.com/faculdades/estado/rj>;
<https://macae.rj.gov.br/femass/conteudo/titulo/apresentacao>.

Das quatorze Instituições Públicas de Ensino Superior localizadas no Estado do Rio de Janeiro que aparecem na tabela (1), (2) e (3), cinco destas instituições - Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ; Universidade Federal Fluminense - UFF; Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO - possuem em seus campi coletivos de mães universitárias (SILVA, J. M. S., SALVADOR, A. C, 2021). Portanto, 35,7% das Instituições Públicas de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro mapeadas neste trabalho possuem coletivos de mães universitárias em seus campi, o que demonstra uma forte atuação e influência

desses grupos no cenário universitário e acadêmico do Rio de Janeiro, especialmente nas universidades públicas federais¹⁰.

No Rio de Janeiro, mais especificamente na UFRJ, a criação do CMUFRJ e a sua organização, especialmente via redes sociais, teve como objetivo a criação de políticas e normas institucionais que garantissem a permanência das mães na universidade, além da criação de estratégias de resistência frente aos desafios institucionais vivenciados por este grupo (CORRÊA et al., 2022). Diversas foram as denúncias realizadas pelo Coletivo desde a sua criação, essas denúncias foram feitas ao longo dos anos através de reportagens realizadas por diversos veículos de comunicação (e.g. grande mídia, mídias independentes e mídias da UFRJ). Ainda em 2017, antes da existência do Coletivo Mães da UFRJ, um grupo de estudantes da Escola de Comunicação da UFRJ publicou no *YouTube* um documentário onde quatro mães universitárias da instituição são entrevistadas. As discentes relatam as vivências da maternidade na universidade, bem como as dificuldades em conciliar a maternidade com as demandas da universidade. As denúncias e as reivindicações acerca da realidade de discentes mães no espaço universitário, apesar de existentes desde antes da criação do CMUFRJ, não estavam organizadas, ficando latentes durante anos.

Durante o ano de 2019, a criação de um coletivo de mães universitárias na UFRJ ganhou grande visibilidade e suas integrantes participaram de diversas reportagens e entrevistas sobre o tema. O Portal G1 da Rede Globo publicou em maio de 2019 uma reportagem¹¹ intitulada *Alunas criam rede de apoio para mães dentro das universidades do RJ – reportagem* replicada no *website* do Instituto Justiça de Saia - Nesta matéria, quatro discentes mães integrantes do CMUFRJ são entrevistadas e discorrem sobre a importância da criação do coletivo de mães universitárias na UFRJ, bem como sobre a necessidade de abertura de diálogo entre instituição e coletivo para melhorias institucionais, tais como a instalação de fraldários nos prédios da instituição, a criação de locais para amamentação, o direito ao acesso e à prioridade nos

¹⁰ O levantamento realizado não incluiu as instituições de ensino superior militares do Estado do Rio de Janeiro pelas suas particularidades em relação ao ingresso de mulheres nas academias militares (DANTAS, 2019), a inclusão destas instituições poderia interferir no resultado desta pesquisa.

¹¹ Ver mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/12/alunas-criam-rede-de-apoio-para-maes-dentro-das-universidades-do-rj.ghtml>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

Restaurantes Universitários (RU) e a criação de espaços de acolhimento destinado aos filhos de discentes mães.

Figura 5 - Reportagem do Portal G1 da Rede Globo “Alunas criam rede de apoio para mães dentro das universidades do RJ”



Fonte: Portal G1 (2019). Reportagem escrita por Larissa Caetano.

A respeito da reportagem, a instituição emitiu uma nota pelo portal, afirmando que em março do mesmo ano havia implementado uma nova política de assistência estudantil *"dedicada a reduzir a evasão de estudantes da graduação, garantir melhor desempenho acadêmico e a conclusão do curso com qualidade, dentro do prazo de integralização previsto"* (CAETANO, 2019). Sobre a situação das discentes mães universitárias, segundo a reportagem, a instituição responde:

“A nova política prevê o aumento de 7 mil para 13 mil beneficiados pelos programas de bolsas até 2023. A UFRJ ainda diz que a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis está trabalhando para ampliar as ações voltadas a estudantes com filhos. “Queremos criar espaços parentais específicos na UFRJ, com estrutura de fraldários, sala de amamentação, lugares para brincadeiras, de forma que estudantes que hoje precisam levar seus filhos para a sala de aula possam se organizar para aproveitar esses espaços” (CAETANO, 2019).

Em maio deste mesmo ano, a plataforma *Mídia Ninja* publicou uma matéria intitulada *Mães nas Ruas Pela Educação*, essa reportagem relata a manifestação 30M realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro. A manifestação contou com a presença de mães discentes integrantes do CMUFRJ, mães discentes integrantes do Coletivo de

Mães da UFF (CMUFF) e mães discentes integrantes do coletivo de pais e mães da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (COPAMA).

Figura 6 - Manifestação 30M, com a presença de mães de diversos coletivos de mães universitárias do Rio de Janeiro.



Fonte: Mídia Ninja (2019). Disponível em: <https://midianinja.org/news/30m-maes-nas-ruas-pela-educacao/>. Acesso em 01 mai de 2023.

Em junho de 2019, o programa da TV ALERJ *Toda Mulher* também entrevistou integrantes do CMUFRJ e do CMUFF. Na primeira entrevista realizada para o *website Mídia Ninja*, as discentes apontaram o receio em relação aos cortes na educação que, segundo elas, poderiam impactar nas poucas políticas de permanência existentes para mães discentes nas Universidades Públicas do Rio de Janeiro. Já na entrevista realizada para a TV ALERJ, as estudantes denunciaram as dificuldades vividas pelas mães dentro das universidades, além de citarem as principais demandas das mães integrantes dos coletivos universitários da UFRJ e da UFF, como o trancamento especial, a licença-maternidade discente, a criação de um espaço de acolhimento para os filhos do corpo parental da universidade. As discentes citam também a importância da formação de novos coletivos de mães universitárias nas demais universidades do país.

Figura 7 - Programa Toda Mulher da TV ALERJ: “Mães Universitárias”.



Fonte: Imagem do site capturada pela autora.

As demandas apontadas pelo CMUFRJ na entrevista realizada para a TV ALERJ foram mapeadas através de um formulário intitulado *Perfil das Mães da UFRJ*, construído e compartilhado de forma independente pelo coletivo. O levantamento teve como intuito produzir dados sobre as mães discentes da instituição, a fim de que a mesma pudesse articular, junto às estudantes, políticas de equidade para esse grupo. As discentes também apontaram para a necessidade de criação de uma rede que pautasse essas questões, aumentando a visibilidade desses movimentos.

As respostas do *Perfil das Mães da UFRJ* serviram para auxiliar e direcionar as ações do coletivo na instituição (CORRÊA, et al., 2022). Sobre os resultados do formulário *Perfil das Mães da UFRJ*, destaca-se:

Das mães que responderam ao formulário, 45,1% delas relataram realizar o trabalho de cuidado sozinhas, ou com pouco apoio e 28,2% delas relataram conciliar trabalho com a maternidade e o ensino superior. 38% das mães que responderam ao formulário relataram viver com menos de um salário mínimo e 32,4% relataram viver com até 2 salários mínimos, o que demonstra que grande parte das mães que responderam ao formulário viviam em situação de vulnerabilidade econômica. 63,4% das mães que responderam ao formulário relataram não receber nenhum tipo de auxílio da universidade e apenas 16,9% das mães relataram receber algum tipo de bolsa acadêmica (e.g., bolsas de estágio, monitoria, extensão, Iniciação Científica). Outras 16,9% relataram não receber bolsas acadêmicas pela impossibilidade de concorrer diante do Coeficiente de Rendimento (CR) baixo e 77,4% das mães relataram que tiveram o CR afetado em razão da maternidade. Um número expressivo de mães (53,5%) relataram já ter abandonado ou trancado a

universidade por um ou mais períodos em razão da maternidade. Por fim, 88,7% das discentes relataram que a instituição não atende às demandas referentes à maternidade. (CORRÊA et al., 2022, p. 2-3)

Diversas foram as mobilizações realizadas pelo CMUFRJ, como a realização de reuniões periódicas nos campi da instituição, encontros abertos, participação em eventos, entrevistas e reportagens. As reuniões do coletivo eram realizadas dentro das dependências da UFRJ e divulgadas em várias plataformas de mídia social, em particular no Facebook, atraindo mães discentes de diferentes campi da instituição. A principal meta era estabelecer uma rede de apoio para essas mães, identificar as demandas, além de criar estratégias para garantir a permanência universitária do grupo.

Figura 8 - Reunião do Coletivo Mães da UFRJ no gramado do prédio de Letras, Campus do Fundão.



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

Durante o primeiro ano de atividades, uma das ações mais relevantes do coletivo foi a criação da *Rede de Apoio Materno*, que visava oferecer auxílio a discentes mães que não possuíam uma rede de suporte para assistir às aulas e/ou participar das

atividades acadêmicas. Sobre os objetivos e funcionamento da “Rede de Apoio Materno”, Corrêa (2022) aponta:

Grande parte das mães integrantes do coletivo precisavam levar seus filhos para a sala de aula e, ao levá-los, deparavam-se com um espaço universitário sem estrutura (e.g., falta de fraldários e espaços de amamentação) e, muitas vezes, sem apoio dos docentes, vide diversos relatos de discentes mães da instituição que foram expulsas da sala de aula por docentes que não permitiam suas permanências com seus filhos. Intitulada de "Rede de Apoio Materno", a rede fora construída a partir de uma simples planilha editável, onde voluntárias pertencentes ao coletivo, ou simpatizantes, em sua grande maioria mães, disponibilizavam-se em dias e horários específicos de cada semana para ajudar outras mães cuidando de suas crianças e/ou bebês, enquanto estas assistiam suas aulas, ou participavam de atividades acadêmicas. (CORRÊA et al., 2022, p. 2)

Em novembro de 2019 o CMUFRJ em parceria com o Núcleo Interseccional de Estudos da Maternidade (NIEM), da Universidade Federal Fluminense (UFF), e apoiado pelo Instituto de Geociências da UFRJ (IGEO-UFRJ), Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ) e pelo Instituto Hub (IHUB), organizou o I Seminário sobre Maternidade na Graduação da UFRJ (ISMG/UFRJ). O seminário contou com um dia inteiro de mesas de apresentação, rodas de conversa, apresentações artísticas e palestras científicas.

As palestras científicas sobre as temáticas Maternidade e Equidade de Gênero foram ministradas por pesquisadoras representantes do antigo GT Mulheres nas Ciências da UFF, hoje institucionalizado como Comissão Permanente de Equidade de Gênero da UFF, e por pesquisadoras das Universidades Federais da Bahia (UFBA) e do Pará (UFPA). As professoras convidadas do antigo GT Mulheres nas Ciências da UFF apresentaram o resultado da pesquisa “Mulheres na Ciência e na Sociedade: lugar de mulher é onde ela quiser?”, a pesquisadora da UFBA apresentou sua pesquisa: “Mães Adolescentes Negras na UFBA: As Intersecções entre Maternidade, Raça, Trabalho e Ensino” e, por fim, a pesquisadora da UFPA discorreu sobre a sua pesquisa: “Mães na Universidade: Performances Discursivas Interseccionais na Graduação”.

Figura 9 - Palestra “Mães Adolescentes Negras na UFBA: As Intersecções entre Maternidade, Raça, Trabalho e Ensino” do I Seminário sobre Maternidade na Graduação – UFRJ.

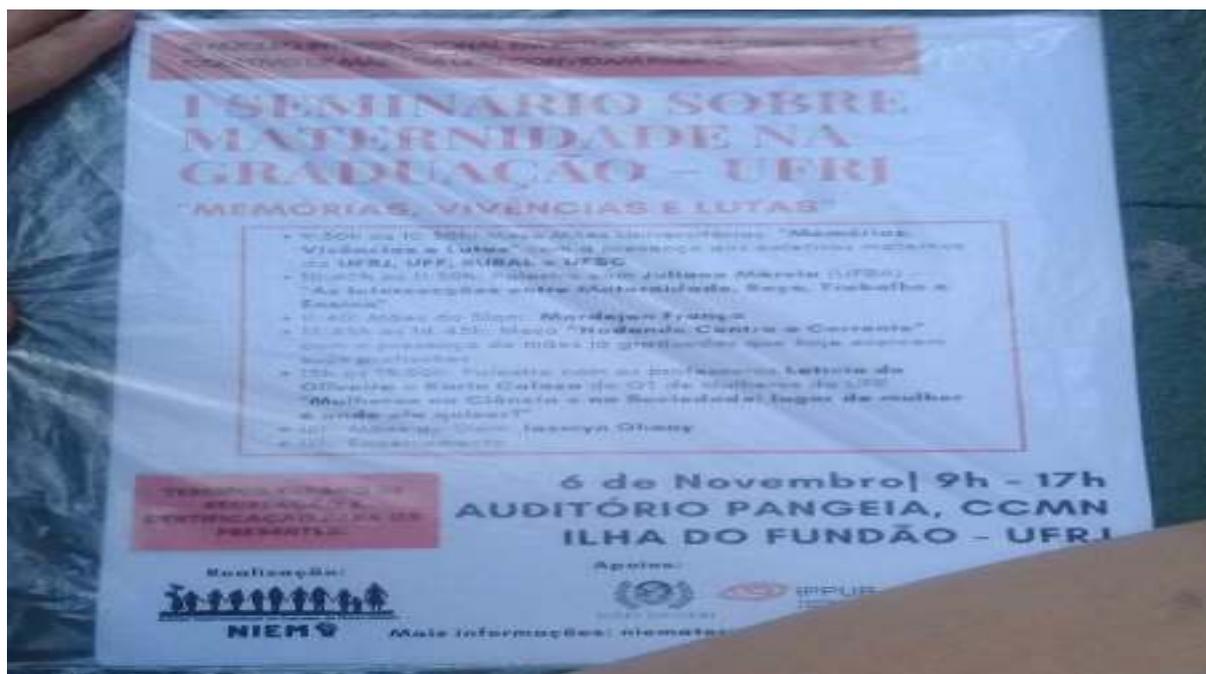


Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

As mesas e rodas de conversa do seminário contaram com a participação de mulheres-mães que passaram pela experiência da maternidade na universidade, além de discentes mães representantes dos coletivos de mães universitárias da UFRJ, UFRRJ, UFF e UFSC que contaram sobre as vivências, experiências e lutas por direitos dentro de suas respectivas universidades.

O CMUFRJ também construiu um espaço de recreação infantil no local do evento para que mães e pais presentes pudessem deixar seus filhos em segurança enquanto assistiam as apresentações, esse espaço foi construído com materiais emprestados e doados pelas próprias mães do coletivo e também por organizações parceiras do evento. O espaço da recreação, organizado no fundo do auditório, contou com um tatame para a segurança das crianças, bem como brinquedos, livros e tablets. O evento contou com uma oficina de ciências voltada para as crianças presentes, organizada pelo Instituto Hub, parceiro do evento. A estrutura do local do evento também precisou ser modificada para atender as mães, pais e crianças presentes, por isso no banheiro mais próximo do evento foi instalado, de forma improvisada e com os materiais doados pelas mães do CMUFRJ, um fraldário, visto que não há fraldários no prédio do Instituto de Geociências da UFRJ (IGEO/UFRJ).

Figura 10 - Cartaz de divulgação do I Seminário sobre Maternidade na Graduação – UFRJ.



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

Figura 11 - Espaço infantil montado para o I Seminário sobre Maternidade na Graduação – UFRJ.



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

Em novembro do ano de 2021, antecipando o iminente retorno das atividades presenciais na UFRJ, o CMUFRJ elaborou uma carta direcionada à instituição denunciando o descaso institucional vivenciado pelas suas discentes mães. A carta, que foi lida por uma discente mãe integrante do coletivo no dia 11 de novembro de

2021 em uma sessão do CONSUNI, causou comoção¹² entre os presentes na sessão. Nesta carta, o CMUFRJ cita as dificuldades vivenciadas pelas mães discentes no espaço universitário e solicita à instituição mudanças, através da promoção de ações que visem promover, mesmo que minimamente, a permanência desse grupo na universidade e que promova, de forma geral, ações em prol da igualdade de gênero no espaço universitário. O CMUFRJ reivindica na carta que a instituição produza dados sobre o quantitativo e sobre a realidade das mães discentes da UFRJ, como mostra o seguinte trecho:

Primeiramente é de grande importância e responsabilidade com as mães que a universidade produza dados a respeito do número de mães e pais discentes da instituição e suas condições de permanência, visto que a falta desses dados invisibiliza e apaga a presença de nós mães na universidade. Perguntamos como a UFRJ pode se comprometer a promover a equidade de gênero, se essa mesma universidade nem ao menos sabe quantas nós somos? Atualmente o Coletivo Mães da UFRJ conta com mais de 300 integrantes dentro discentes mães de graduação e de pós-graduação. Nós existimos e resistimos diariamente aos processos de expulsão (FONTEL, 2019) dos quais somos submetidas no espaço universitário. (CMUFRJ, p.1, 2021)

Em outro trecho da carta, o coletivo expõe situações que discentes mães vivenciam dentro da universidade, como a falta de empatia por parte de professores e a falta de estrutura física para acolhimento de mães discentes no espaço universitário:

Existimos e carregamos nossos filhos em uma ou mais condições lotadas para chegar às aulas que, muitas vezes, não podemos assistir porque somos expulsos por professores sem o mínimo de empatia por mulheres-mães. Existimos e trocamos as fraldas dos nossos filhos em cima de carteiras ou em cima de vasos sanitários, pois a universidade não nos oferece fraldários. Existimos e amamentamos os nossos filhos em bancos aleatórios espalhados pelo Campus, debaixo de sol ou de chuva, pois não temos um espaço adequado para amamentar nossos filhos, mesmo que a OMS recomende “o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e, de maneira complementar, até no mínimo os dois anos”. (CMUFRJ, p.1, 2021)

O Coletivo cita a recomendação feita pela OMS a respeito do aleitamento exclusivo até os seis meses de idade e que, as condições que a universidade oferece para suas discentes mães, são contrárias às recomendações da organização, desestimulando o aleitamento materno exclusivo de discentes-mães pela falta de estrutura da universidade. A carta também discorre sobre a mensagem que a instituição passa às

¹² Especialmente àqueles que estavam acompanhando a sessão pelo *YouTube*.

suas discentes mães, quanto ao sentimento de não-pertencimento que essas sujeitas sentem no espaço universitário:

A mensagem, ainda que silenciosa, é clara para as mulheres: mães não são bem-vindas, seu lugar não é na academia. Começa no momento da percepção dessas realidades as angústias que uma mãe acadêmica enfrenta. Devido aos diversos desafios apresentados, a mãe não poderá levar seu filho para Universidade, pois não há estrutura para recepcioná-los, ao passo que não poderá ficar em casa, pois a lei só garante um tempo mínimo de afastamento. Sendo assim, a mãe universitária precisará contar com uma rede de apoio externa para que possa dar continuidade a seus trabalhos. Normalmente, essa rede de apoio é composta por familiares ou instituições educacionais, quando não é inexistente. (CMUFRJ, p.2, 2021)

E lista uma série de mudanças que a universidade deveria acatar para a melhoria do espaço universitário e para o fomento a políticas de inclusão e permanência de suas discentes mães, tais como:

(1) Produzir dados a respeito das mães discentes matriculadas na UFRJ, bem como mapear suas demandas a fim de se criar políticas de permanência para esse grupo na Universidade. (2) Estruturar os campi da universidade para o retorno presencial das mães, dos pais e dos cuidadores, especialmente instalando fraldários em todos os centros, de todos os campi da UFRJ. (3) Oferecer espaços reservados nos centros para amamentação e retirada de leite de mães lactantes. (4) Oferecer espaço infantil em todos os turnos para que mães e pais possam frequentar aulas e atividades práticas, ou reserva de vagas para discentes mães na creche da UFRJ. (5) garantir o acesso de mães pais e cuidadores, com filhos até 12 anos de idade, em todos os restaurantes universitários, permitindo que as crianças maiores se alimentem mediante o pagamento da taxa no RU. (6) Fornecer o Bilhete Único Universitário, ou auxílio transporte emergencial com valor compatível. (7) garantir a permanência de mães com seus filhos nas salas de aula, visto que muitos professores impedem a presença de crianças em sala. (8) Garantir que os atestados médicos e declarações escolares dos filhos de discentes mães sejam aceitos para abonar faltas. (9) Oferecer trancamento extemporâneo para mães, pais e cuidadores em caso de adoecimento do filho, ou perda de rede de apoio, mediante comprovação. (10) Aumentar o valor e o número de vagas para concessão do auxílio educação infantil para mães e pais discentes com filhos até seis anos de idade e ampliar a oferta para discentes, mães e pais da pós-graduação. (11) Criar um auxílio que contemple discentes mães da graduação e da pós-graduação com filhos até os 12 anos de idade completos, considerando pesquisa do movimento Parent In Science (2020) que revela o impacto da pandemia em mães com filhos até 12 anos de idade e considerando o grupo mães como um grupo em risco quanto à permanência Universitária. (12) Conceder licença-maternidade para as discentes de graduação e pós-graduação equivalente a licença-maternidade das mães docentes e das mães servidoras técnico-administrativas como outras UFs já oferecem (CMUFRJ, p.4, 2021).

Após a leitura da carta do CMUFRJ na sessão do CONSUNI no dia 11 de novembro de 2021 e a sua ampla divulgação através das redes sociais de coletivos materno-universitários e outros movimentos maternos (e.g. Núcleo Materna, Parent in Science,

etc.) o GTPEG/UFRJ, à pedido da Reitoria e em parceria com o Escritório Técnico da Universidade (ETU), ficou encarregado de providenciar a instalação de trocadores de fraldas em todos os prédios da instituição.

3.1.1 Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade & Projeto de Extensão Mães na Universidade da UFRJ

A partir da organização do ISMG/UFRJ, muitas conexões foram criadas entre o núcleo ativo do CMUFRJ e as pesquisadoras que estiveram presentes no evento. Essas conexões se ampliaram e, a partir das trocas realizadas no ano de 2020, foi criado o Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade (Núcleo Materna). O Núcleo Materna nasce como um braço do CMUFRJ, porém sem vinculação institucional, absorvendo para esse novo espaço mulheres-mães estudantes, ativistas em maternidade, docentes do ensino básico e do ensino superior e pesquisadoras em gênero e maternidade de diversas universidades brasileiras (CORRÊA, et al., 2021; CALMON, et al., 2022). Integram atualmente o Núcleo Materna mães estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e servidoras técnico-administrativas das seguintes universidades e movimentos: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio), Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Federal do Sergipe (UFS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Afrodivas de Niterói- Brasileiras & Cia (CORRÊA, 2020).

O Núcleo Materna foi criado com o objetivo de incentivar a produção de dados e a produção científica sobre gênero e maternidade, nas diferentes áreas do conhecimento, acreditando que a produção de dados e pesquisas sobre essas temáticas auxiliará os ativismos maternos existentes, servindo como base para a criação de políticas públicas e também para políticas de assistência para mulheres-mães nas universidades. Através do intercâmbio criado entre o CMUFRJ, pesquisadoras e movimentos citados, o Núcleo Materna passou a apoiar a criação de

outros núcleos, coletivos e projetos de extensão que se debruçam no incentivo e na criação de políticas em prol do acesso, da permanência e da progressão de mulheres-mães nas universidades (CORRÊA, 2020).

Mapa 1 – Distribuição Geográfica das Integrantes do Núcleo Materna no Brasil.

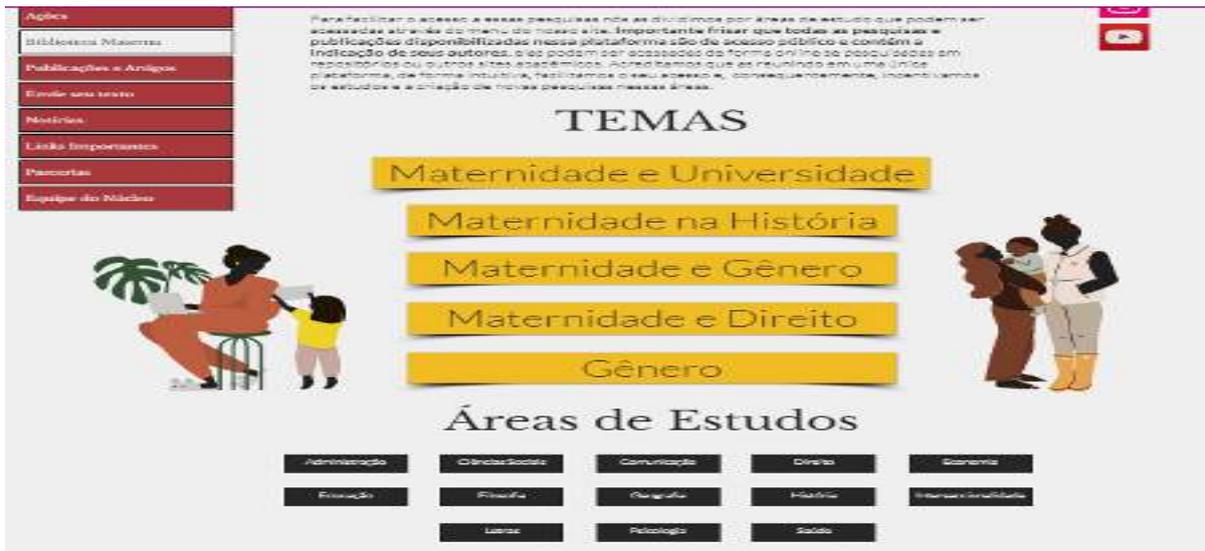


Fonte: elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/equipedonucleomaterna> (Informações sobre integrantes) e no grupo do Núcleo Materna.

Com este objetivo, no ano de 2020 o Núcleo Materna inaugurou um *website* contendo um repositório de resumos, artigos científicos, teses e dissertações sobre gênero e maternidade. Essas publicações foram divididas em temas principais, como “Maternidade na História”, “Maternidade e Universidade”, “Maternidade e Gênero”, “Maternidade e Direitos”, “Gênero” e “Interseccionalidade”, além de organizados por áreas de estudos, tais como: Saúde, Psicologia, Letras, História, Geografia, Filosofia, Educação, Economia, Direito, Comunicação, Ciências Sociais e Administração.

Figura 12 - Website do Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade - Núcleo Materna.



Fonte: acervo pessoal da autora (2023).

A criação desse repositório teve o objetivo de agregar, em um único espaço, pesquisas já existentes e novas produções nesses campos, compartilhando bibliografias sobre essas temáticas com o intuito de alimentar a produção de novas pesquisas sobre maternidade. Além disso, em seu *website*, textos escritos por mães são compartilhados no formato de colunas e há compartilhamento de novas produções, notícias, eventos, ações e projetos. O núcleo também é muito ativo nas redes sociais, especialmente no *Instagram*, realizando divulgação científica sobre os estudos da maternidade e promovendo encontros virtuais sobre a temática.

Figura 13 - Página no *Instagram* do Núcleo Materna.



Fonte: acervo pessoal da autora (2023).

No ano de 2020 o Núcleo Materna promoveu seis encontros virtuais, dialogando os estudos da maternidade com temas como isolamento social, múltiplas jornadas, graduação e pesquisa, espaços de ativismo materno, saúde mental, mulheres nas ciências e espaços de poder. Os eventos promovidos pelo Núcleo Materna durante o ano de 2020 tiveram a participação de integrantes do núcleo e de pesquisadoras em maternidade e gênero de outras universidades brasileiras. Ainda em 2020, o núcleo criou um grupo virtual de estudos sobre o livro “Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno”, da autora francesa Elisabeth Badinter (1985). O grupo contou com encontros semanais para discussões sobre a obra considerada de grande relevância para os estudos em maternidade.

Em março do ano de 2021, mães discentes integrantes do CMUFRJ e do Núcleo Materna criaram, em conjunto com discentes e docentes integrantes do GTPEG/UFRJ, um projeto de extensão universitária na UFRJ com o intuito de promover ações em prol do acesso, da permanência e da progressão de mulheres-mães na universidade, o Projeto de Extensão Universitária foi intitulado: “Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão de mulheres-mães”. Sobre o objetivo do projeto, Corrêa (et al., 2022) discorre:

O projeto surgiu com o objetivo de promover a equidade de gênero dentro e fora da UFRJ, desenvolvendo ações que se debruçam sobre questões relacionadas à maternidade. Colocando a prática, a dialogicidade e a interdisciplinaridade como pilares e articulando-se sobre três eixos de atuação: acesso, permanência e progressão de mães na universidade. O projeto institucionalizou-se com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UFRJ (PR5/UFRJ) em março de 2021 e desde então vem trabalhando com uma equipe composta integralmente por mães. (CORRÊA; et al., 2022, p. 4)

O Projeto de Extensão Mães na Universidade nasceu com o objetivo de promover ações em prol da igualdade de gênero dentro e fora da UFRJ. Com base nessa premissa, o projeto vem desenvolvendo ações para abordar questões relacionadas à maternidade, tendo como pilares a prática, o diálogo e a interdisciplinaridade e se debruçando sobre três eixos de atuação: o acesso de mães à universidade, a permanência de mães na universidade e a progressão de carreira de mulheres-mães

(CORRÊA, et al., 2022). Corrêa (et al., 2022) discorre sobre a construção das ações e as parcerias estabelecidas pelo projeto:

As ações do projeto são construídas em conjunto com a participação ativa de um grupo de mais de 15 alunas extensionistas e com o apoio de movimentos parceiros -- incluindo Parent in Science e o Núcleo Materna. Coletivamente visam estimular o acesso, a permanência e a progressão de mães na universidade, através da abertura de espaços para debates, da construção de diálogos, da troca de experiências, da orientação acadêmica, do debate científico e da escuta qualificada. (CORRÊA; et al., 2021, p. 4)

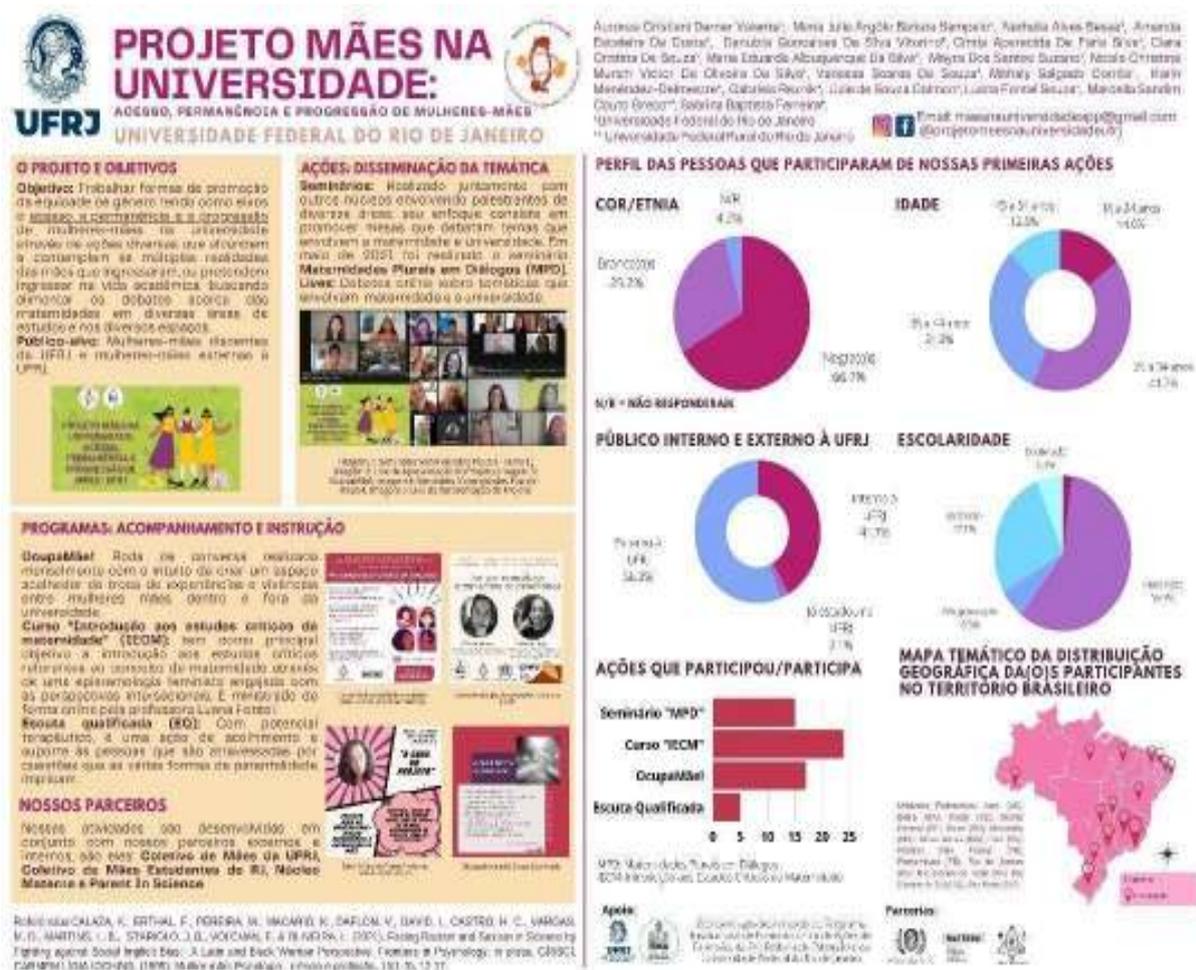
Apesar de atuar por um curto período de tempo, o projeto criou e participou de ações relevantes, tais como o curso de extensão universitária Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade (2021); o curso de extensão universitária Escrevendo sobre Maternidade: desafios teórico-metodológicos (2022); os grupos de Escuta Qualificada (2021); a ação "OcupaMãe!" (2021/2022); o Seminário Maternidades Plurais em Diálogos (2021) (CORRÊA, et al., 2022) e o II Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ (2022), além de atuar em mesas de debates e seminários, como o Festival do Conhecimento UFRJ – Futuros Possíveis (2021), a 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, o Festival do Conhecimento UFRJ 2022 – Do Ancestral ao Digital, o *IX Congreso Nacional de Extensión y VIII Jornadas de Extensión del Mercosur* (CORRÊA, et al., 2022) e o *V Seminario Geografía, Género y Sexualidades*.

Em parceria com o Núcleo Materna, o Curso de Extensão Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade foi realizado em 2021 com o objetivo de auxiliar estudantes mães que desejavam progredir em suas carreiras científicas, auxiliando na escrita de trabalhos de conclusão de curso e projetos de pesquisa em suas respectivas áreas de estudos. Com isso, o curso foi formulado de forma a oferecer às alunas referências teóricas básicas para que pudessem transformar suas preocupações cotidianas em proposições científicas (FONTEL, et al., 2022). Sobre o público-alvo do curso, Fontel (et al., 2022) discorre:

As cursistas presentes estavam em processo, principalmente, de transformar suas inquietações político-culturais sobre a maternidade em escrita de projetos de pós-graduação, blogs, trabalhos de conclusão de curso e demais formas de compreender e compartilhar suas necessidades e reivindicações. O curso gerou então uma possibilidade de adensamento intelectual nas pautas que, a nível de experiência sensível do mundo, já lhes eram bastante conhecidas e profundas, mas que, na escala acadêmica, poderiam se

transformar em progressão institucional em suas respectivas áreas de estudo, objetivo principal da ação. (FONTEL et al., 2022, p. 236).

Figura 14 - Pôster apresentado no IX Congresso Nacional de Extensão e las VIII Jornadas de Extensión del Mercosur e publicado no livro Reflexiones y desafíos de la Extensión Universitaria en América Latina.



Nas sessões do curso foram sugeridas leituras de artigos que se debruçam sobre a análise dos conceitos de gênero e maternidade e buscou-se discutir a maternidade através de uma base histórica e política, possibilitando através da discussão teórica a desconstrução de pressupostos que culturalmente incidem em violências de gênero contra mulheres-mães.

Figura 15 - Cartazes de divulgação do Curso de Extensão “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade”.



Fonte: acervo pessoal da autora (2021).

A ementa do curso buscou ainda pensar as diferentes possibilidades de exercício da maternidade e as leituras conceituais sugeridas, bem como a presença de palestrantes de diversas áreas do conhecimento, auxiliaram nas discussões teóricas realizadas nas sessões. Sobre a dinâmica e organização do curso, Vitorino (et al., 2022) discorre:

As sessões foram organizadas de forma a demonstrar como o conceito da maternidade atravessa e se ressignifica em várias esferas, para tal foram convidadas professoras internas e externas a UFRJ, bem como profissionais como doulas e psicólogas que trouxeram suas experiências profissionais para o debate, fortalecendo e ampliando o escopo do curso. Cada sessão contava com uma palestra seguida de apresentação de textos pelas cursistas e rodas de conversa onde todas as presentes tinham espaço de fala e escuta. Nesse esteio, foi sendo construído um espaço onde podia-se debater ciência ao mesmo tempo que amarrar as realidades e suas demandas urgentes. (VITORINO et al., 2022, p. 253)

Sobre o envolvimento das cursistas e os resultados do curso oferecido, Vitorino (et al., 2022) discorre:

Resultado disso foi a consistência crítica presente nos trabalhos finais que demonstraram a alta capacidade e empenho das participantes em desenvolver ensaios no campo de estudos da maternidade crítica. Além dos trabalhos escritos, foram produzidas colagens artísticas e adaptações de postagens para redes sociais, bem como orientações individuais para a

estruturação de projetos de pesquisa para pós-graduação e composição de trabalhos de conclusão de curso em diversas áreas de estudo. Tais resultados demonstram como aliar produção de conhecimento a metodologias sensíveis ao contexto da pandemia são primordiais para atividades que não apenas foque no currículo, mas na dignidade e saúde de nossos estudantes e comunidade. (VITORINO et al., 2022, p. 253)

Figura 16 - Trabalho final apresentado por uma das cursistas intitulado “A Maternidade na História”.



Fonte: Fontel (et al., 2022).

As leituras teóricas apresentadas ao longo do curso serviram como referenciais para a elaboração de trabalhos de conclusão de curso das cursistas que se encontravam no término da graduação e para a elaboração de pré-projetos de pesquisa para àquelas que almejavam ingressar em programas de pós-graduação (FONTEL et al., 2022).

O segundo curso oferecido pelo projeto “Mães na Universidade”, em parceria com o Núcleo Materna, foi o curso de extensão “Escrevendo sobre Maternidade: desafios teórico-metodológicos”, realizado entre os meses de março e maio de 2022. O curso teve como propósito auxiliar aqueles que desejavam compreender o conceito de maternidade/maternagem, bem como suas implicações para a ciência feminista contemporânea. A partir dessa premissa, foram debatidas nas sessões estratégias de permanência e progressão científica para discentes mães nas universidades, a partir da percepção que o grupo mães é frequentemente interpretado como insuficiente em desempenho, de acordo com o modelo de produção estudantil estabelecido na modernidade, perpetuado pelas instituições de ensino superior (PROJETO MÃES NA UNIVERSIDADE - UFRJ, 2022). Realizado no formato online, o curso foi dividido em dois módulos: na primeira metade do curso foram discutidas estratégias específicas para a progressão universitária, como a formulação e elaboração de projetos de pesquisa, esboços de trabalhos de conclusão de curso, pesquisa bibliográfica, processo seletivo e conhecimento dos direitos institucionais.

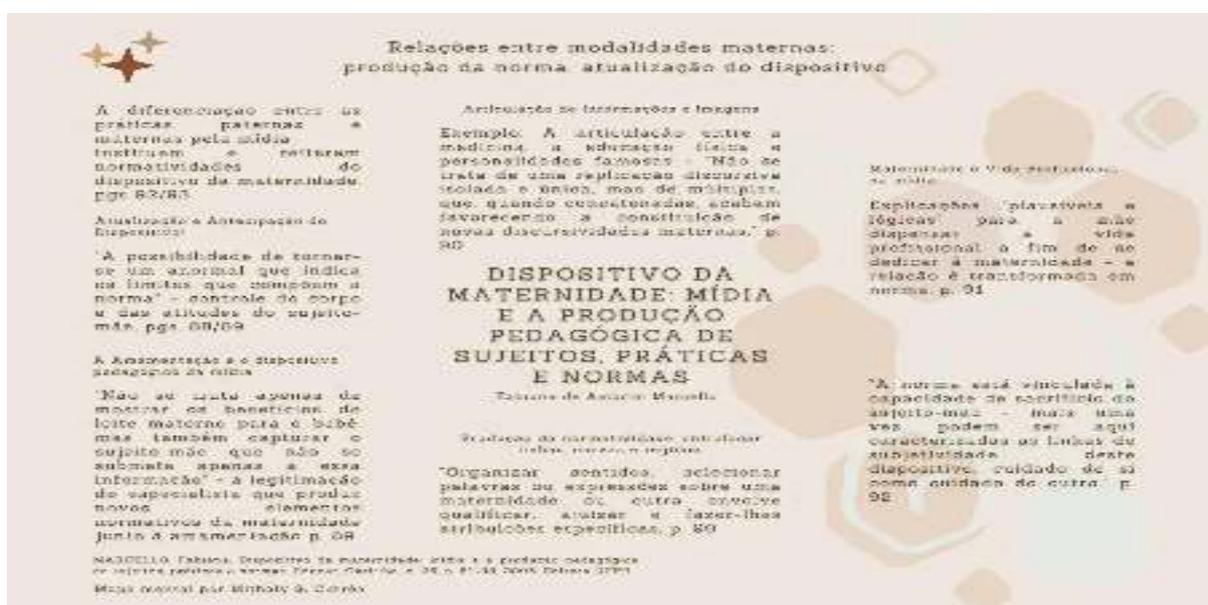
Figura 17 - Cartazes de Divulgação do Curso de Extensão “Escrevendo sobre Maternidade: desafios teórico-metodológicos”.



Fonte: acervo pessoal da autora (2022).

Na segunda metade do curso, as sessões focaram na discussão e apresentação de suporte teórico-metodológico sobre o conceito de maternidade/maternagem, trazendo a maternidade como objeto de preocupação científica.

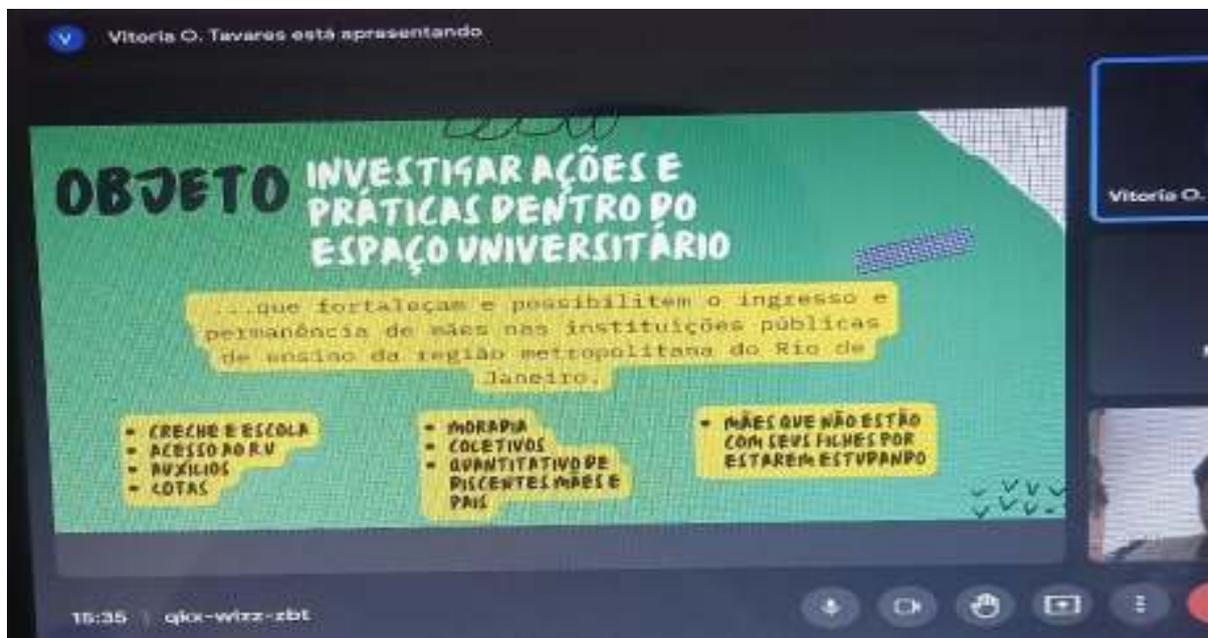
Figura 18 - Mapa conceitual compartilhado nas redes sociais do projeto “Mães na Universidade”.



Fonte: acervo pessoal da autora (2022).

Ao final dos dois módulos do curso, foi realizado um seminário no qual as cursistas apresentaram seus projetos de pesquisa, elaborados a partir do auxílio teórico-metodológico do curso.

Figura 19 – Apresentação de Seminário no curso “Escrevendo sobre Maternidade”.



Fonte: acervo pessoal da autora (2022).

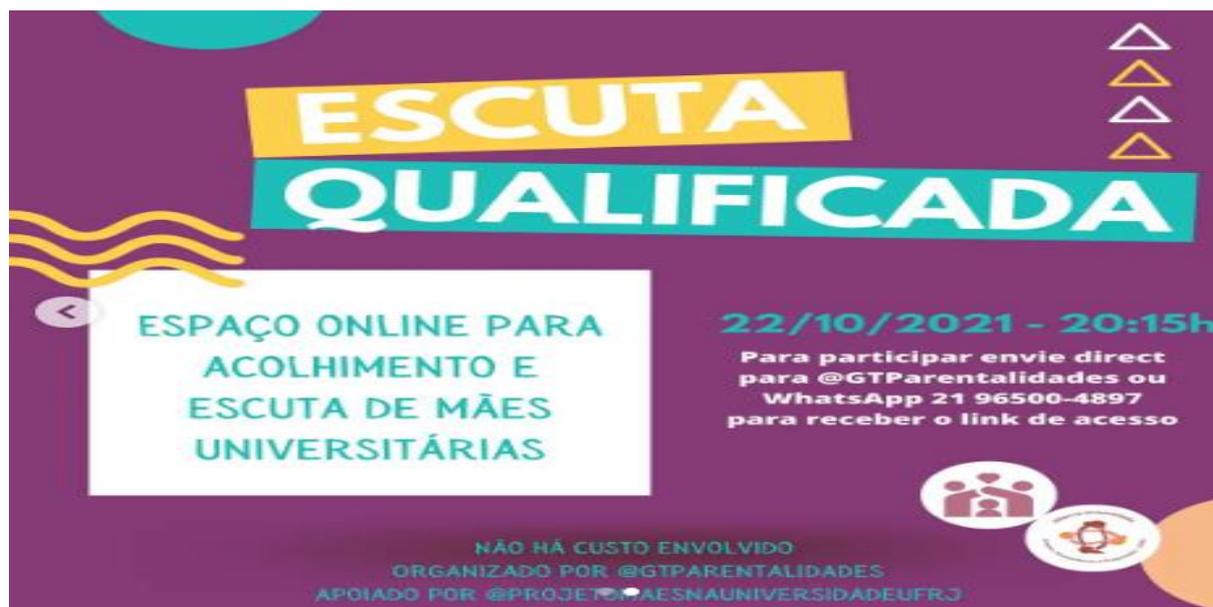
A ação “OcupaMãe!” realizada pelo projeto “Mães na Universidade” em conjunto com o Coletivo Mães da UFRJ visa criar espaços de acolhimento para mães discentes da UFRJ e de outras instituições de ensino superior a partir de encontros temáticos, oficinas, palestras e entrevistas. A ação é realizada em conjunto com psicólogas parceiras de outros projetos e movimentos maternos, como o Grupo de Trabalho Parentalidade em Diálogos - formado por educadoras e psicólogas especialistas em maternidade - e o Núcleo Materna. Os diálogos e debates produzidos nos encontros tem o objetivo de fornecer apoio e integração das mães participantes dos encontros com o Coletivo Mães da UFRJ e outras ações do projeto, como a ação “Escuta Qualificada”. No ano de 2021 o “OcupaMãe!” realizou os seguintes encontros: “Vivências e Experiências Plurais da Maternidade nos Diferentes Espaços”; “Mães que Escrevem: a subjetividade como ferramenta”; “Roda de conversa: praticando o autocuidado para uma maternidade saudável”. Já no ano de 2022, a partir das trocas vivenciadas nesses primeiros encontros, o tema dos encontros se fixaram sobre a

prática do autocuidado e foram realizados mais 4 encontros, todos intitulados: “O Autocuidado como Forma de Resistência” com o objetivo de pensar, junto às participantes, práticas de autocuidado voltadas para discentes mães.

Construída pelo GT Parentalidades em Diálogos em conjunto com o projeto Mães na Universidade da UFRJ e Núcleo Materna, a ação “Escuta Qualificada” contou com encontros virtuais coletivos durante todo o ano de 2021, com o objetivo de promover um espaço mediado por profissionais da saúde mental e educação inseridas em programas de pós-graduação da UFRRJ e UFRJ em prol da promoção da saúde mental de discentes mães que encontravam-se sobrecarregadas diante das exigências da vida acadêmica em concomitância com a maternidade. Segundo Calmon (et al., 2022):

A partir da escuta qualificada, as psicólogas perinatais e maternas, assim como a educadora participante, promovem um espaço interdisciplinar de diálogo e reflexão, que favorece a identificação dos fatores de vulnerabilidade para sofrimento psíquico e os desafios das relações parentais. (CALMON, L. S., et al., 2022, p. 112)

Figura 20 - Cartaz de Divulgação da Ação “Escuta Qualificada”.



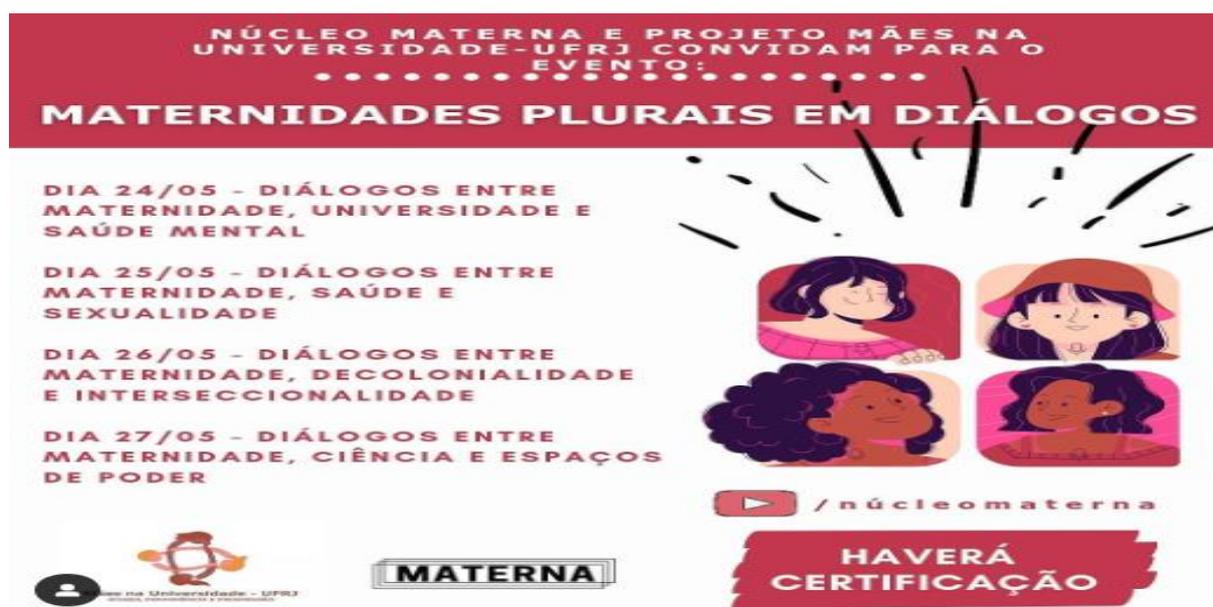
Fonte: acervo pessoal da autora (2021).

Esta ação tinha como característica o acolhimento e o suporte imediato às participantes e seus encontros foram abertos ao público de discentes mães, internas e externas à UFRJ. Mantendo uma postura dialógica, isto é, favorecendo a troca

mútua entre as mediadoras e as participantes (CALMON et al., 2022 apud INNECCO; BRITO, 2019), a ação também buscava identificar as necessidades individuais e, caso houvesse necessidade, direcionar e orientar as participantes para uma assistência terapêutica mais específica. (CALMON et al, 2022).

No ano de 2021 o Projeto “Mães na Universidade” em parceria com o Núcleo Materna e o Coletivo Mães da UFRJ promoveu o seminário virtual “Maternidades Plurais em Diálogos” que contou com quatro mesas, distribuídas em quatro dias de evento.

Figura 21 - Cartaz de divulgação do Seminário “Maternidades Plurais em Diálogos”.



Fonte: acervo pessoal da autora (2021).

Pesquisadoras especializadas em gênero e maternidade, de diversas instituições de ensino superior como UFRJ, UFR, UNILA, UERJ, UFRGS, UFSM, PUC-Rio e UFPE, participaram do evento. Durante o seminário, essas participantes ministraram palestras abordando os estudos da maternidade de forma interdisciplinar. O objetivo principal do evento foi fomentar o diálogo entre essas pesquisas e outras áreas de conhecimento, incluindo as ciências sociais, humanas e da saúde.

No final do ano de 2022, o Projeto Mães na Universidade, o Núcleo Materna e o Coletivo Mães da UFRJ organizaram o II Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ, além desses projetos, somaram à organização mulheres-mães pertencentes às seguintes universidades e programas: UEFS, IFPR, UFS, UFRRJ, UERJ,

UNIGRANRIO, UFF, UFPE, PUC-Rio, UNILA, MPED-UNEB e CECULT/UFRB, criando-se, desta forma, uma grande rede de mães acadêmicas, pesquisadoras e movimentos maternos na construção, organização e execução do evento. Para a formação da equipe de organização, foi aberta inscrição para interessadas de todo o Brasil através do *website* do Núcleo Materna. As selecionadas para a equipe de organização foram divididas em 7 comissões que se debruçaram, cada uma, sobre o planejamento e a execução de determinada área do evento. O grande interesse de pesquisadoras no campo da maternidade possibilitou a abertura de chamada para submissão de trabalhos em maternidade e a criação de uma comissão científica formada por doutorandas e docentes dos estudos em maternidade para avaliar os trabalhos recebidos.

O seminário, realizado, em formato híbrido, aceitou submissões de resumos simples, resumos expandidos e relatos de experiência que tivessem como eixo central a temática da maternidade *“em sua pluralidade de significados conceituais, científicos e políticos, a fim de estabelecer diálogos oportunos ao combate de opressões sistemáticas”* (NÚCLEO MATERNA, 2020).

Figura 22 - Imagem de divulgação do II Seminário Maternidade e Universidade – UFRJ.



Fonte: acervo pessoal da autora (2022).

O seminário contou com mais de vinte horas de transmissão de debates, dentre palestras e sessões de comunica o para apresenta es de trabalhos aprovados. Trinta trabalhos aprovados foram distribuídos entre quatro eixos temáticos, sendo

eles: maternidade e universidade; maternidade e cultura; maternidade e interseccionalidades e maternidade e saúde. Ao todo foram realizadas seis sessões de comunicação para apresentação dos trabalhos aprovados, a grande maioria dos trabalhos estavam alinhados ao eixo “Maternidade e Universidade”, seguido do eixo “Maternidade e Cultura” e, com menos trabalhos submetidos, os eixos “Maternidade e Saúde” e “Maternidade e Interseccionalidades”. Além das sessões de comunicação, foram realizadas ainda quatro mesas de palestras com pesquisadoras convidadas e um dia presencial de encerramento.

Mapa 2 – Distribuição Geográfica das Submissões Aceitas no IISMU/UFRJ.



Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sessoesdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação).

A mesa de abertura do evento foi intitulada “Maternidades Feministas no Combate ao Fascismo”. Nesta mesa as participantes debateram como o ideal fascista está ligado à concepção de família, tanto como instituição familiar - ideal, modelo, heterossexual - quanto a noção de família que se estende para a concepção de nação. Sendo assim, o ideal fascista atravessaria intimamente o tema da maternidade (FERNANDES, 2022).

No segundo dia do seminário foram transmitidas três sessões de comunicação com apresentações dos trabalhos aprovados no evento, além da mesa “Iniciativas de Permanência de Mulheres-Mães na Universidade”, que contou com a presença de

representantes de projetos, grupos institucionais e coletivos em maternidade. Estiveram presentes nessa mesa o projeto ManU/UFOP; o coletivo Dandara de pais e mães gestantes da UNIRIO (COLODANDA); o Grupo de Trabalho Mães Cientistas da UERJ e o Programa de Apoio à Parentalidade da Universidade Federal do Norte de Tocantins.

Tabela 4 – Submissões aprovadas para apresentação oral no IISMU/UF RJ divididas por Instituições, Estados e Regiões Brasileiras.

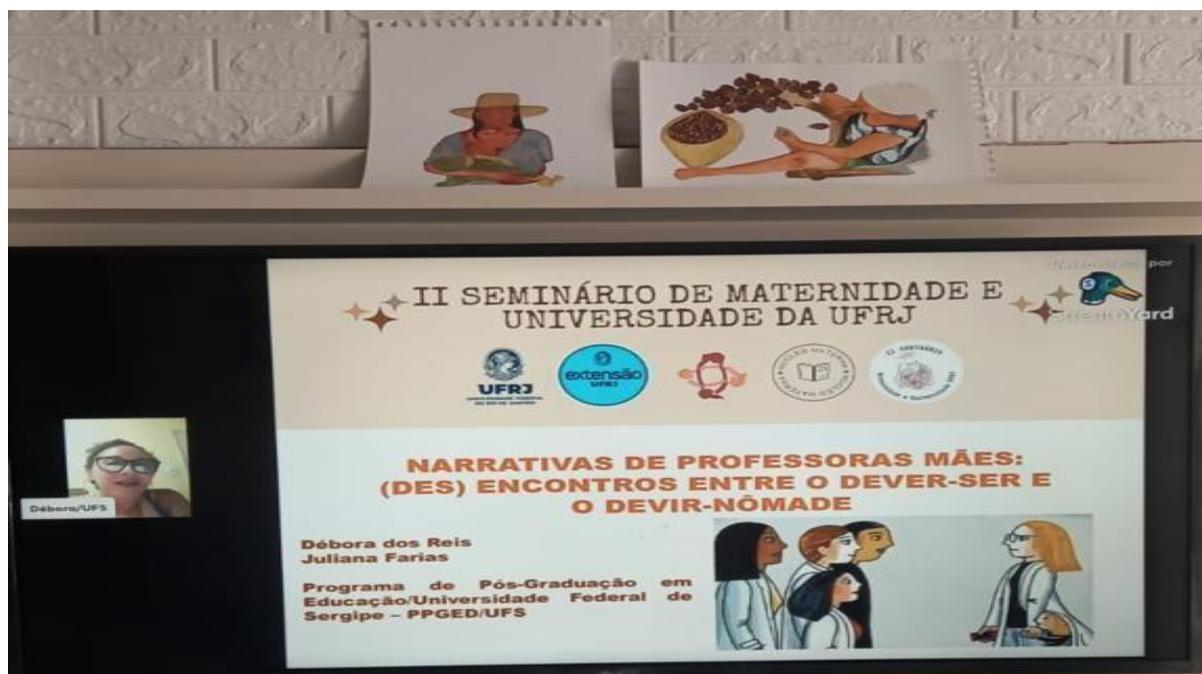
Instituição	Estado	Região	Submissões aprovadas
UFRGS	Rio Grande do Sul	Sul	5
UFRJ	Rio de Janeiro	Sudeste	3
UFF	Rio de Janeiro	Sudeste	3
UERJ	Rio de Janeiro	Sudeste	1
UFMG	Minas Gerais	Sudeste	1
UFPE	Pernambuco	Nordeste	2
UFCG	Paraíba	Nordeste	2
UNIRIO	Rio de Janeiro	Sudeste	1
UNB	Distrito Federal	Centro-oeste	1
UFTM	Minas Gerais	Sudeste	1
UNIMONTES	Minas Gerais	Sudeste	1
UFRB	Bahia	Nordeste	1
UNILAB	Ceará	Nordeste	1
UFS	Sergipe	Nordeste	1
FMU	São Paulo	Sudeste	1
UFAM	Amazonas	Norte	1

Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sesseosdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação).

As representantes desses projetos expuseram as experiências vivenciadas nestes grupos, as iniciativas e ações realizadas, bem como a importância da participação do corpo social das instituições e da institucionalização de grupos para conquistas e avanços em relação às políticas de permanência e inclusão de mães nas universidades. No terceiro dia do evento, foi realizada a mesa “Ciência, Gênero e Maternidade: perspectivas interdisciplinares”, que contou com a presença de pesquisadoras renomadas das áreas de gênero e maternidade e a mesa de encerramento intitulada “A produção de Vida na Linha de Frente: mães nas lutas pelos direitos humanos” que contou com a presença do Movimento Mães de Manguinhos, ONU-Mulheres, além da presença de Mirtes Renata (UNINASSAU).

Figura 23 – Sessão de comunicação do IISMU/UFRJ.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora (2022).

A diversidade de temas debatidos, tanto nas apresentações de trabalhos aprovados, quanto nas mesas de palestras oferecidas pelo evento, além da diversidade de áreas de estudos e ampla filiação dos palestrantes e autores dos trabalhos apresentados no IISMU/UFRJ, demonstram a dimensão e a importância que os estudos da maternidade, em caráter interdisciplinar, ganhou ao longo desses anos, tanto na academia, quanto na esfera social e política.

4 MOVIMENTO MATERNO-UNIVERSITÁRIO: LUGAR, ESPAÇO E REDE

Se o espaço pode ser caracterizado por ser “*produto-produtor*” e suporte das relações econômicas e sociais (LEFEBVRE, 2000, p. 7), nele também haverá a reprodução de desigualdades, pois elas estão presentes nas estruturas e nas relações existentes na sociedade. Segundo Reis (2015) a geografia deve ampliar as suas discussões sobre as relações de gênero, inclusive as entendendo como parte da prática espacial e da sua organização, pois se propõe, enquanto ciência, a analisar a organização e a produção do espaço nas sociedades, ainda segundo Reis (2015, p. 12), “*hoje mais do que nunca o espaço pode revelar a luta de classe, e a estrutura de poder entre os gêneros*”.

Baseando-se nos apontamentos feitos por Santos (2006), os processos que servem de suporte para o que chamamos de totalidade mudam a todo momento, sendo assim, as determinações da realidade se modificam e podem se encaixar em novas formas, formas estas criadas a partir de *movimentos* que provocam modificações. Entende-se como processo uma ação realizada continuamente e que tem por objetivo um resultado, estes ocorrem a partir das contradições existentes na estrutura social e econômica (CASTRO et al, 1995). No caso dos movimentos materno-universitários, estes surgem a partir da percepção de uma totalidade considerada injusta e que, portanto, precisaria ser modificada. Segundo Castells (2012):

Ao longo da história, os movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da mudança social. Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas. São induzidos por uma profunda desconfiança nas instituições políticas que administram a sociedade. A conjunção de degradação das condições materiais de vida e crise de legitimidade dos governantes encarregados de conduzir os assuntos públicos leva as pessoas a tomar as coisas em suas próprias mãos, envolvendo-se na ação coletiva fora dos canais institucionais prescritos para defender suas demandas e, no final, mudar os governantes e até as regras que moldam suas vidas. (CASTELLS, 2012, p. 127)

Se ao longo da história as mulheres foram excluídas dos espaços públicos, dos espaços de poder e dos espaços de produção do conhecimento (BELTRÃO; ALVES, 2009), hoje esse grupo, especialmente mulheres-mães, vem se movimentando e provocando mudanças, criando novas formas de se entender qual o lugar da mulher na sociedade para além da reprodução social e do trabalho de cuidado. A partir desse

movimento - considerado aqui um processo - que cria novas formas e que ocupa e reivindica espaços, como a universidade, as determinações de antes precisariam se modificar para se encaixar em um novo contexto, o contexto da mulher-mãe que está presente no espaço público, que trabalha fora de casa e que almeja alcançar lugares que antes não poderiam ser alcançados, como um diploma universitário ou uma carreira científica.

4.1 Movimento materno-universitário em rede

Quando analisamos os movimentos materno-universitários, percebemos uma coexistência e uma simultaneidade desses grupos que compartilham vivências e experiências, no que Santos (2006) aponta como *viver comum* que se concretiza no espaço, no caso das mães universitárias, no viver comum que se concretiza no espaço universitário. Segundo Castells (2012, p. 127), “*uma mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva que é, em sua essência, emocionalmente motivada*”. As dificuldades vivenciadas por discentes mães dentro do espaço universitário, deram impulso para a criação de coletividades, algumas em diferentes temporalidades, outras em simultaneidade, mas que se unem na reivindicação do direito a ocupar, permanecer e progredir nesse espaço. Para Santos (2006):

De fato, só a totalidade em movimento cria novos eventos. Mas a totalidade em movimento também inclui as ações tornadas possíveis em um lugar particular, a partir do qual acabam por influenciar outros lugares. (SANTOS, 2006, p. 105)

A atuação dos movimentos materno-universitários existentes, influenciam na criação de outros movimentos, em outros lugares, destacando-se a criação de coletivos, núcleos e projetos. Esses movimentos nascem com o propósito de estimular mudanças a partir da mobilização em conjunto com a sociedade. Segundo Castells (2012):

“Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente.” (CASTELLS, 2012, p. 128)

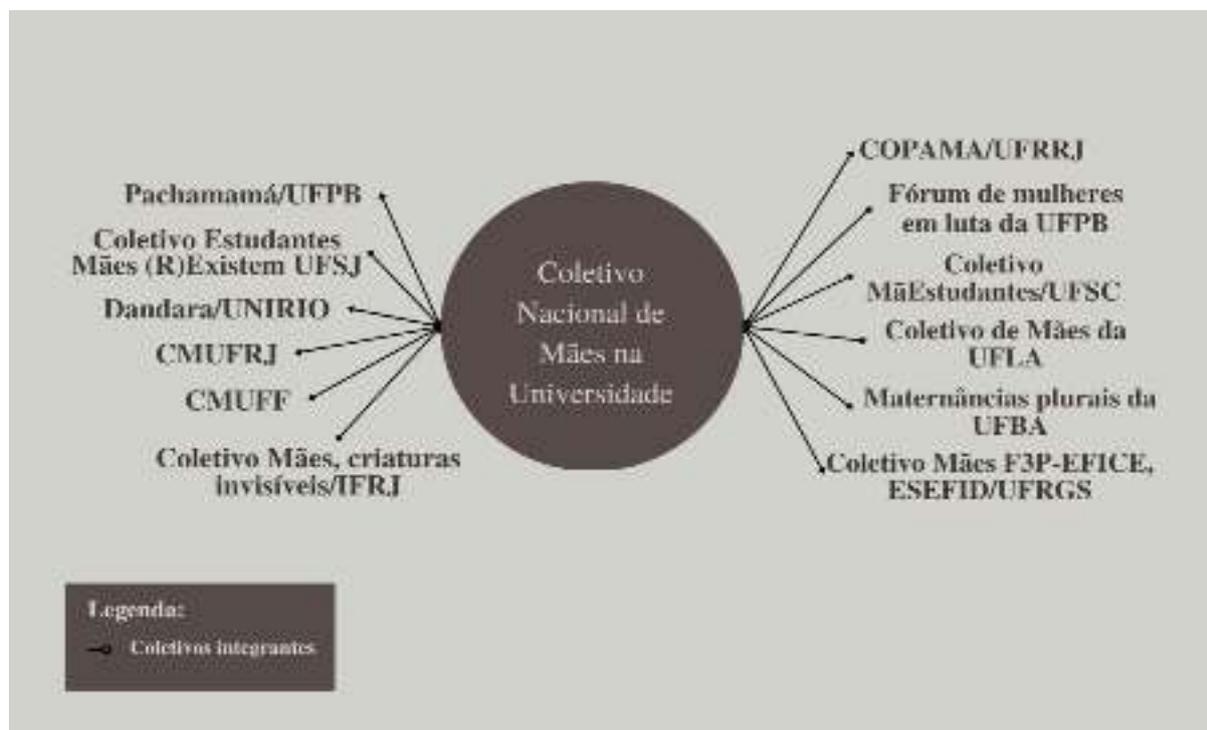
É possível identificar, no movimento materno-universitário, características que se aproximam das redes. Milton Santos (2006) aponta que as redes revelam tipos e níveis de solidariedade, tanto quanto revelam contradições. Ao nível do *lugar*, segundo o autor, a rede ganharia uma dimensão única e socialmente concreta, por conta dos fenômenos sociais que se agregam solidariamente na diversidade e na repetição. Para Santos (2006, p. 182), "*as redes são um veículo de um movimento dialético*" e a sua primeira característica é a *virtualidade*, no sentido que ela exige fluidez para circulação de ideias (SANTOS, apud Ch. Pinaud, 1988, p. 70). Já Castells (2012) caracteriza os movimentos sociais em rede como: (1) a conexão em rede de múltiplas formas, formando redes dentro do movimento, especialmente se utilizando da *blogosfera* da internet e das mídias digitais que possibilitam a construção de redes para uma prática continuada e maior expansão do movimento; (2) a sua localização no espaço livre da internet, embora geralmente se tenha base também no espaço urbano; (3) a existência de múltiplos núcleos de coordenação, deliberação e relacionamento, ou seja, geralmente são movimentos descentralizados; (4) a ocupação dos espaços urbanos, embora geralmente esses movimentos se iniciem na internet; (5) o debate contínuo na internet, que alcança dos níveis locais aos níveis globais; (6) a espontaneidade de sua gênese; (7) a virtualidade, utilizando-se muito bem dos conteúdos e das imagens como ferramentas de mobilização e replicação do próprio movimento na internet; (8) a horizontalidade de sua organização; (9) o *companheirismo*, a *cooperação* e a *solidariedade*, facilitada por suas redes horizontais e reduzindo a necessidade de lideranças; (9) a *autorreflexão*, manifestada nas deliberações das assembleias e nas discussões da internet, em fóruns, blogs e redes sociais, e, por fim; (10) as múltiplas demandas, sendo raramente programáticas, pela dificuldade em organizar suas demandas a partir de um consenso.

O autor ainda discorre sobre a existência de um *terceiro espaço*, um espaço híbrido que integra conjuntamente o espaço da Internet e o espaço urbano, intitulado pelo autor de *espaço da autonomia*. Segundo Castells (2012, p. 130), "*O espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede*".

Os movimentos maternos atuantes no espaço universitário da UFRJ vêm, desde a sua criação, se articulando com diversos atores, essa articulação tem como característica principal a *virtualidade*, ou seja, a circulação fluida de ideias, que

fortalece os movimentos já existentes e auxilia na criação de outros espaços e outros movimentos materno-universitários.

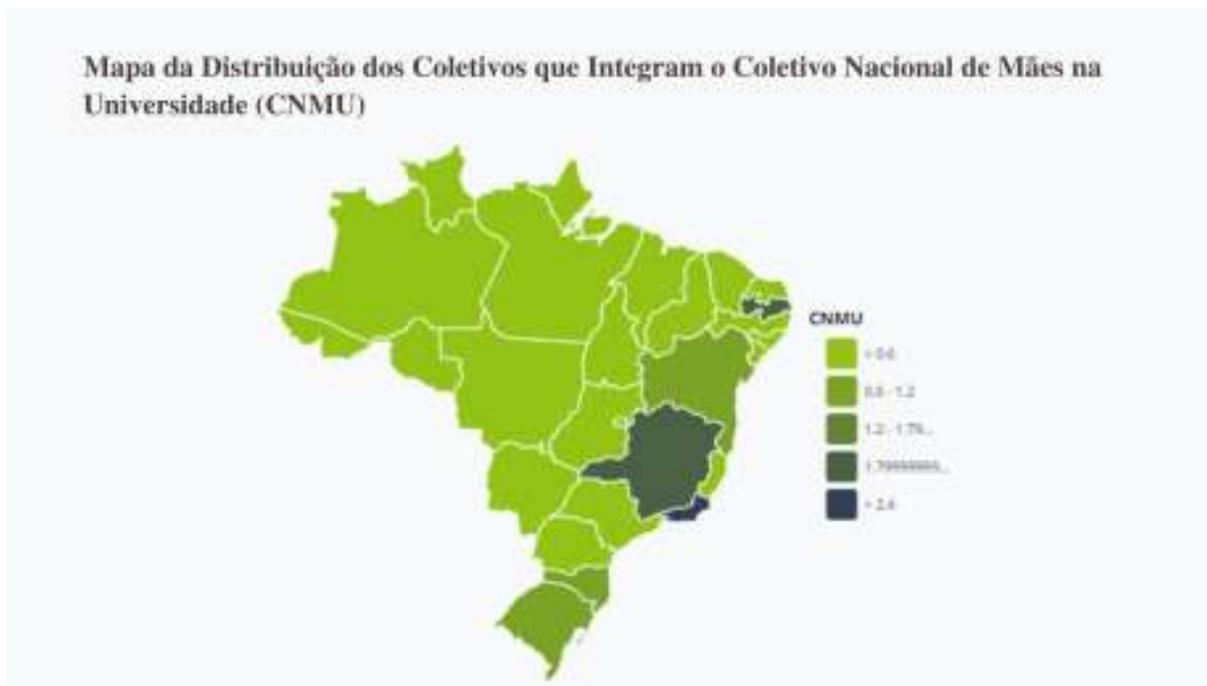
Figura 24 - Rede Nacional de Coletivos Materno-universitários.



Fonte: elaboração da autora (2023) de acordo com os dados obtidos no grupo do CNMU.

Um exemplo disso é o Coletivo Nacional de Mães na Universidade (CNMU), que consiste em uma rede formada por movimentos materno-universitários que se articulam virtualmente e que tem como principal característica a circulação fluida de ideias. Formada por coletivos de mães universitárias de diversas universidades do país, a rede promove o intercâmbio entre coletivos, a unificação de pautas e o auxílio na criação de outros coletivos e/ou projetos materno-universitários. A partir dessa característica, o movimento materno-universitário em rede impõe uma maior visibilização de sua pauta, incentivando e alimentando pesquisas e produção de dados no campo que busca ser ampliado e visibilizado pelo movimento que servem e/ou servirão de base para a criação de políticas de políticas públicas e políticas de permanência para mães na universidade.

Mapa 3 – Distribuição Geográfica dos Coletivos de Mães Universitárias que Integram o Coletivo Nacional de Mães na Universidade.



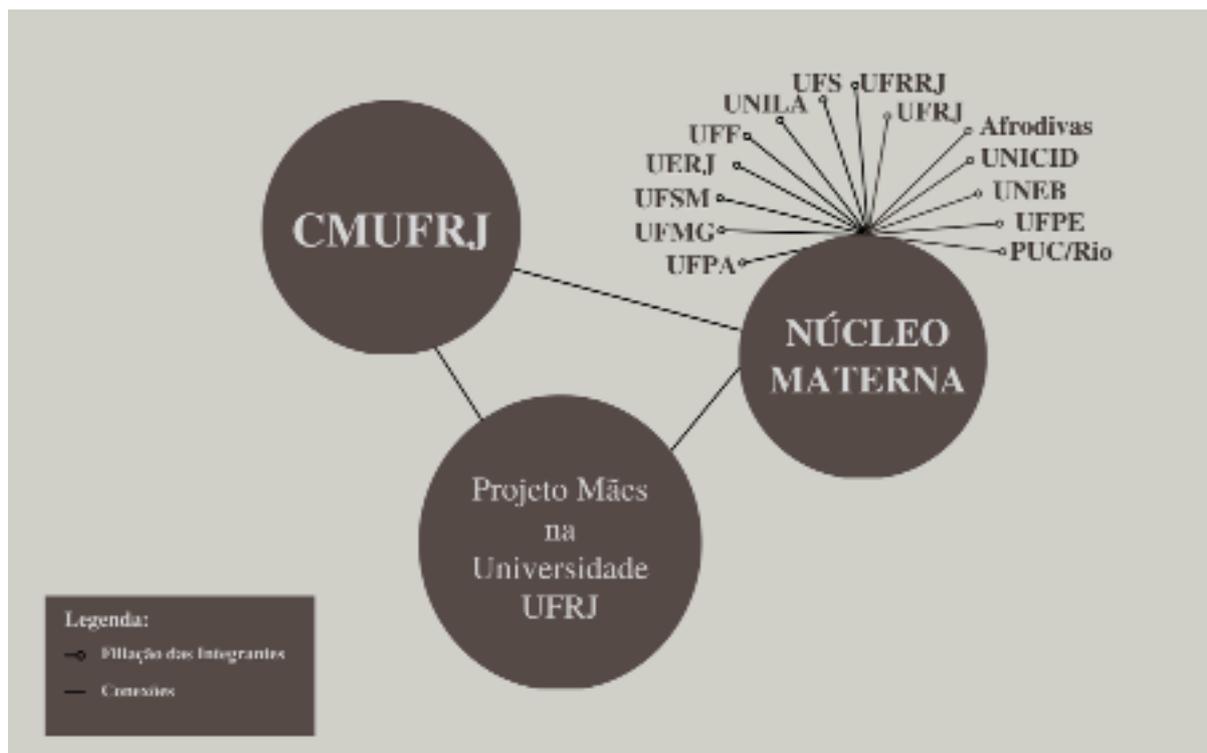
Fonte: elaboração da autora (2023) de acordo com os dados obtidos no grupo do CNMU.

4.1.1 Caracterizando a rede de movimentos materno-universitários da UFRJ

A rede de movimentos materno-universitários da UFRJ atua, inicialmente, ao nível do *lugar* e, assim como aponta Santos (2006), sua estrutura indica níveis de solidariedade, mas também indica contradições. Em relação à solidariedade, identifica-se que a rede tem como base o auxílio para a replicação de ideias através da criação de projetos e de ações em outros movimentos maternos e instituições, essa solidariedade faz com que o movimento ganhe força e alcance, além de fomentar parcerias que fortalecem a rede como um todo. Já em relação às contradições, as intersecções de raça e classe, por exemplo, revelam disparidades tanto em relação a vulnerabilidade e visibilidade, quanto em relação ao poder de execução e mobilização desses grupos.

Mas apesar de atuar fortemente ao nível local, para Corrêa (et al., 2022) a criação de uma rede de movimentos materno-universitários é uma estratégia que visa fortalecer e alimentar os debates e os estudos em maternidade para além da escala local, tendo o objetivo de replicar ideias, estratégias e ações para outras universidades e movimentos.

Figura 25 - Gênese dos Movimentos Materno-Universitários da UFRJ



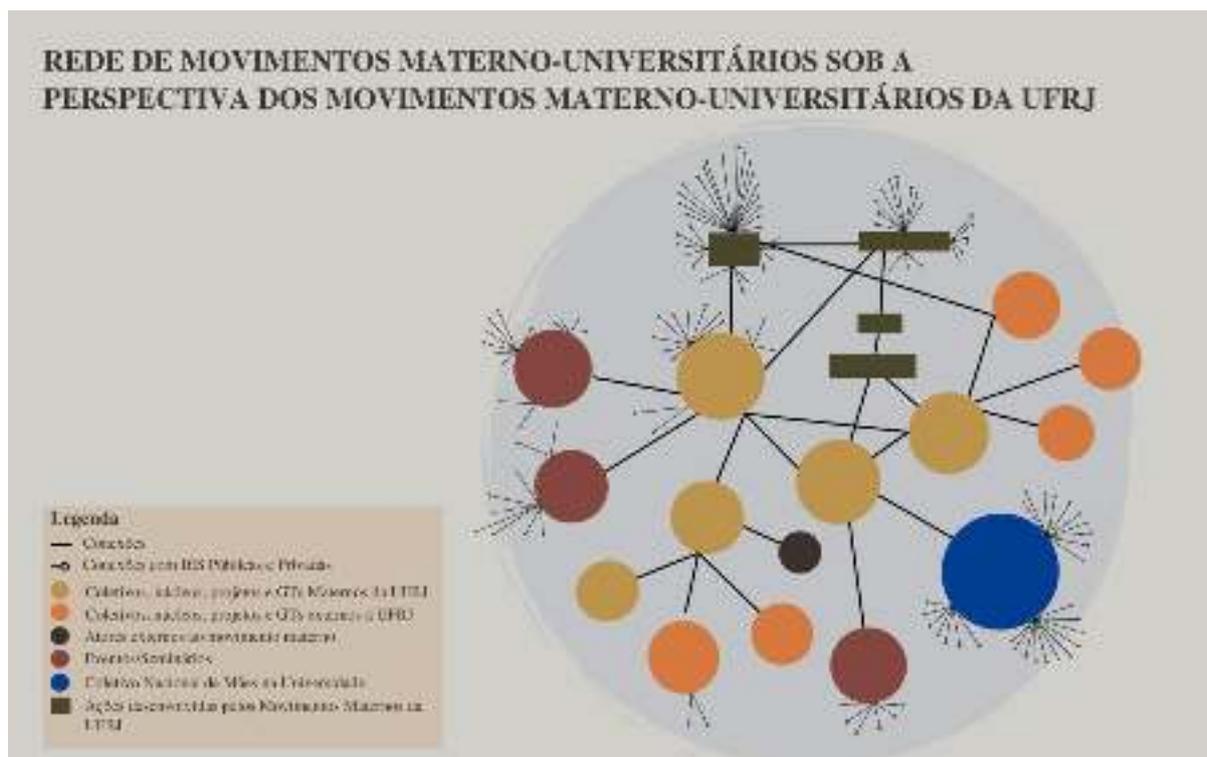
Fonte: Elaboração da autora (2023) de acordo com os dados obtidos em documentos, redes sociais, *websites* e na vivência direta com os movimentos materno-universitários investigados.

Essa replicação gera força, amplia o alcance desses grupos e, conseqüentemente, fortalece os ativismos maternos. Dentro da universidade, a extensão universitária teria um papel fundamental na ampliação das redes, segundo Corrêa (et al., 2022):

“A prática extensionista facilita a criação de redes, sendo uma ferramenta eficaz para trabalhar temas interdisciplinares e questões que dependem da integração de diversos eixos, como a equidade de gênero. Seus participantes são sujeitos da ação e não meros “depósitos” de conteúdo e a prática facilita o intercâmbio de ideias entre sociedade e universidade e, conseqüentemente, estimula a criação de ações semelhantes em outros espaços.” (CORRÊA; et al., 2022, p. 4)

A prática extensionista, por seu caráter dialógico e interdisciplinar, quando aliada a movimentos sociais, permite que atores externos e internos à universidade se articulem e participem conjuntamente da criação de espaços e ações para e com os sujeitos sociais participantes, facilitando a criação de redes de movimentos conectados com a sociedade e o intercâmbio de ideias e práticas com outras instituições de ensino superior. A figura 26 mostra como se configura a “Rede de Movimentos Materno-Universitários” a partir da perspectiva dos movimentos maternos da UFRJ.

Figura 26 - “Rede de Movimentos Materno-Universitários”.



Fonte: Elaboração da autora (2023) de acordo com os dados obtidos em documentos, redes sociais, *websites* e na vivência direta com os movimentos materno-universitários investigados.

Analisando a figura 26, que representa a rede de movimentos materno-universitários sob a perspectiva dos movimentos atuantes na UFRJ, podemos observar que, em pouco tempo de existência, os movimentos maternos atuantes no espaço da UFRJ expandiram suas atividades, atuando de forma conectada a outros projetos, coletivos, núcleos e ações que se debruçam sobre o tema da maternidade, além de realizar conexões com pesquisadoras e ativistas de diversas Instituições de Ensino Superior do Brasil, como nos mostra a figura 27.

(5) a descentralidade, atuando sem lideranças, mas a partir de diversos núcleos que se conectam através de coletivos, projetos e ações em maternidade; (6) múltiplas demandas, por ser um movimento de amplo alcance e atuação, fazendo com que as diversas demandas se agreguem e por vezes se unifiquem (e.g. demandas do coletivo nacional de mães universitárias, demandas sociais, tais como a luta por direitos reprodutivos e sexuais e demandas mais amplas do movimento feminista).

5 CONCLUSÃO

A emergência da pandemia de COVID-19 e as mudanças advindas do isolamento social, especialmente na alteração dos usos e funções dos espaços, evidenciaram as desigualdades existentes na sociedade, especialmente as desigualdades de raça, gênero e classe. Este novo contexto afetou diretamente a vida de mulheres que assumiram ainda mais trabalho de cuidado, especialmente mulheres chefes de família monoparentais, que perderam suas redes de apoio e passaram a coordenar suas atividades - conciliando múltiplas jornadas - com as atividades dos demais membros da família, no espaço doméstico. Diante disso, a casa teve que se adaptar a novas formas, ao adquirir novas funções, sendo repentinamente modificada para suportar atividades anteriormente desenvolvidas em espaços construídos para esses fins. O que antes era responsabilidade das instituições, repentinamente passou a ser responsabilidade da família.

Dentro das universidades, as desigualdades de gênero já existentes se evidenciaram a partir desse novo contexto, impactando especialmente as mulheres-mães. A Universidade, no entanto, continuou suas atividades de forma remota, invadindo o espaço da casa, modificando as funções e os usos do espaço doméstico e aumentando a carga de trabalho das mulheres que compõem o corpo social acadêmico. Diante do caos causado pelas consequências da pandemia de COVID-19, mães, pais e cuidadores docentes do campus Macaé da UFRJ se uniram para exigir medidas institucionais de apoio aos servidores cuidadores dentro da Universidade. Essa mobilização, em conjunto com a APG/UFRJ e outros movimentos maternos atuantes na UFRJ, como o CMUFRJ e o Núcleo Materna, impulsionaram a institucionalização de um Grupo de Trabalho em parentalidade, o GTPEG/UFRJ.

A luta por melhores condições e pelo direito à permanência e o fortalecimento de mulheres-mães no espaço universitário, no entanto, não se iniciou a partir da pandemia. Esta apenas evidenciou as dificuldades já existentes nesse espaço. Pesquisas já apontavam para uma maior evasão universitária de mulheres e também para significativas diferenças de gênero dentro do espaço universitário, impactando especialmente discentes mães, consideradas um grupo em vulnerabilidade de permanência nas universidades. As disparidades históricas de gênero, portanto, parecem se refletir em barreiras culturais, políticas, sociais e espaciais nas universidades, que se manifestam através de discursos e práticas excludentes, bem como na falta de estrutura física e na falta de políticas de assistência em prol da permanência e da progressão de mulheres-mães nas universidades.

Em razão disto, entre os anos de 2019 e 2021 foram criados na UFRJ movimentos materno-universitários, tais como o Coletivo Mães da UFRJ, o Núcleo Materna e o projeto de extensão Mães na Universidade da UFRJ. Estes movimentos buscam identificar o corpo parental da universidade, com foco nas discentes mães, a fim de visibilizar a pauta desse grupo dentro da universidade e fomentar mudanças através do diálogo institucional - por meio da criação de normas e políticas de assistência que visem à inclusão de estudantes mães, com o propósito de promover a permanência e a progressão dessas mulheres na universidade. Estes movimentos trabalham através de denúncias, incentivo à pesquisa, divulgação científica e também da construção de uma rede de movimentos materno-universitários. A construção desta rede serve como estratégia para fortalecer e ampliar o debate sobre maternidade na universidade, bem como os estudos em maternidade, replicando ideias, estratégias e ações para outros projetos, movimentos e universidades, sendo caracterizada principalmente pela sua atuação híbrida, a sua virtualidade, a sua simultaneidade, a sua conectividade, a sua solidariedade e por possuírem múltiplas demandas.

Com base na análise dos movimentos materno-universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro e suas conexões, pode-se inferir que as discentes mães universitárias buscam se apropriar do espaço acadêmico por meio de táticas, que incluem principalmente práticas coletivas – através de ações interdisciplinares – e em forma de rede. Nesse sentido, essas mulheres examinam de forma crítica a estrutura da universidade, o que possibilita a construção de conhecimento que podem servir de

base para novas e futuras políticas públicas e políticas de assistência estudantil, bem como para o desenvolvimento de ações e a criação de espaços que visam incentivar a participação de outras discentes mães, auxiliando na ampliação dessa rede e na permanência e na progressão acadêmica e científica dessas sujeitas na universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDIFES (BRASIL); FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **III Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/III-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- ANDIFES (BRASIL); FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=79639>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- ANDRADE, M. O. **Os Gêneros e a Evasão no Ensino Superior: Estudo de caso da Faculdade Governador Ozanam Coelho**. Revista Científica UNIFAGOC - Multidisciplinar, São João Nepomuceno, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/73>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- ANZALDÚA, G. **Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229–229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BEDOYA, A. et al. **La Organización Social del Cuidado de Niños, Niñas y Adolescentes en Colombia: experiencias urbanas**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2020.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. **A Reversão do Hiato de Gênero na Educação Brasileira no Século XX**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 39, p. 125–156, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/cp/a/8mqpbrrwhLsFpxH8yMWW9KQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- BOLETIM UFRJ. **Altera os Arts. 2o, 3o E 4o da Portaria No 8.772, de 9 de Dezembro de 2020, Publicada no Boletim UFRJ no 50 - Extraordinário, de 10 de Dezembro de 2020, que Instituiu o Grupo de Trabalho Parentalidade e Equidade de Gênero**. Rio de Janeiro, 18 jan. 2023. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2023/4-2023.pdf>.
- BOLETIM UFRJ. **Institui Grupo de Trabalho Parentalidade e Equidade de Gênero**. Boletim UFRJ, Rio de Janeiro, n. 50, p. 1, dez. 2020. Edição Extraordinária. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2020/50-2020-extraordinario.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- CAETANO, L. **Alunas Criam Rede de Apoio para Mães Dentro das Universidades do RJ**. Justiça de Saia, [S. l.], 15 maio 2019. Disponível em: <https://www.justicadesaia.com.br/alunas-criam-rede-de-apoio-para-maes-dentro-das-universidades-do-rj/>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- CALMON, L. de S.; CORRÊA, M. S.; REZNIK, G.; SANDIM, M. **Maternidade e Universidade: a experiência de um projeto de extensão focado no acesso, permanência e progressão de mulheres-mães**. Expressa Extensão, Pelotas, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21773>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 354 p.

COLETIVO MÃES DA UFRJ (CMUFRJ). **Carta do Coletivo Mães da UFRJ à Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, [s. n.], 2021. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/cartadasmaesdaufrj>. Acesso em: 24 fev. 2023.

CORRÊA, M. S. **Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade (Núcleo Materna)**. Rio de Janeiro, [s. n.], 2020. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CORRÊA, M. S.; CALMON, L. de S.; REZNIK, G.; FERREIRA, M. S. C. G. **Maternidade e Ensino Superior: a extensão universitária como ferramenta para promoção da equidade de gênero nas universidades**. In: ANAIS DO III SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 2022, [s. l.]. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://eventos.congresso.me/iiisbmc-pis/edicoes/iii-simposio-brasileiro-sobre-maternidade-e-ciencia-3-edicao/analais>. Acesso em: 13 mar. 2023.

DANTAS, S. da R. de M. **Mulheres e Forças Armadas: uma análise da participação feminina nas Forças Armadas Brasileiras**. 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13920?locale=pt_BR. Acesso em: 11 mar. 2023.

DORES, F. G. das. (1997-1998). **A memória como método de pesquisa**. Caderno de Campo (UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Pós-graduação em Sociologia) Araraquara, SP-Brasil. Publicado em 18/07/2017, ISSN 1415-0689. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10143/6642>. Acesso em: 01 mai. 2023.

FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

FERREIRA, E. S. **A memória como objeto de análise e como fonte de pesquisa em história da educação: uma abordagem epistemológica**. Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências, v. 4, n. 1, p. 21-47, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1427>. Acesso em: 02 mai. 2023.

FERNANDES, C. **Mesa de Abertura: Maternidades Feministas no Combate ao Fascismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qR6myR5aKzc>. Acesso em: 24 fev. 2023.

FONTEL, L. S. **Mães na Universidade: performances discursivas interseccionais na graduação**. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FONTEL, L. S.; COSTA, A. E. da; VITORINO, D. G. da S. **Curso de Extensão "Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade": relatório de experiência**. Expressa Extensão, Pelotas, v. 27, n. 1, p. 234-245, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21775>. Acesso em: 24 fev. 2023.

GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. São Paulo; Rio de Janeiro: Gênero e Número e Sempreviva Organização Feminista, 2020. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 25 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=downloads>. Acesso em: 27 dez. 2022.

LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LOPES, B. **Ser Mãe e Universitária é Padecer na Ilha do Fundão**. Em: COLABORA. 2019. Disponível em: <https://projctocolabora.com.br/ods1/ser-mae-e-universitaria-e-padecer-na-ilha-do-fundao/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MARTINS, G. da C. S. et al. **Criação e desenvolvimento do GT Parentalidade e Equidade de Gênero da UFRJ**. Em: ANAIS DO III SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 2022, [s. l.], . Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://eventos.congresse.me/iiisbmc-pis/edicoes/iii-simposio-brasileiro-sobre-maternidade-e-ciencia-3-edicao/anais>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MASSEY, D. **Um Sentido Global do Lugar**. Em: ARANTES NETO, Antonio Augusto (Org.). O Espaço da Diferença. Campinas: Papirus, 2000.

MASSEY, D.; KEYNES, M. **Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações**. GEOgraphia, [s. l.], v. 6, n. 12, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MATA, G. C. da. **Quem Pode Ser Mãe: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG**. [S.l.], 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47115>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MENEZES, D. P. **Mulheres na Física: a realidade em dados. Caderno Brasileiro de Ensino de Física**. [S.l.], v. 34, n. 2, p. 341–343, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2017v34n2p341>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MOROSINI, M. C. et al. **A Evasão na Educação Superior no Brasil: uma análise da produção de conhecimento nos periódicos Qualis entre 2000-2011**. [S.l.]: E.U.I.T. de Telecomunicación, 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8762>. Acesso em: 17 fev. 2023.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAÚJO, M. de F. **A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos**. Psicologia: Ciência e Profissão, [S.l.], v. 24, p. 44–55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35wjck8XzbyhMWnhrzG/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DA FAMÍLIA. **Fatos e Números**. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/fatos-e-numeros>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OLIVEIRA, A. L. de. **A Espacialidade Aberta e Relacional do Lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid-19**. Revista Tamoios, [S.l.], v. 16, n. Especial, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 16 fev. 2023.

OLIVEIRA, C. B. F. de. **Maternidade, Universidade e Pandemia. Em: Mães que Escrevem**. Ago. 2020. Disponível em: <https://maesqueescrevem.com.br/maternidade-universidade-e-pandemia/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OLIVEIRA, A. J. B. de; CRANCHI, D. C. **O Papel da Biblioteca Universitária Como Espaço de Afiliação Estudantil e o Bibliotecário como Educador e Agente Inclusivo. Informação & Sociedade: Estudos**. [S.l.], v. 27, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654>. Acesso em: 23 fev. 2023.

OLIVEIRA, M. A. C. de; MARQUES, S. S. **Contribuições Para Uma Reconstrução Crítica da Gramática Moderna da Maternidade**. Revista Estudos Feministas, [S.l.], v. 28, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/wJq64NH9Mg5W7hPmxNgx83C/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ONU MULHERES. **Diretrizes para Atendimento em Casos de Violência de Gênero Contra Meninas e Mulheres em Tempos da Pandemia da Covid-19**. Brasília: ONU Mulheres, 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-lanca-documento-com->

diretrizes-para-atendimento-em-casos-de-violencia-de-genero-contra-meninas-e-mulheres-em-tempos-da-pandemia-covid-19/. Acesso em: 16 fev. 2023.

OXFAM BRASIL. **Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade**. [S.l.]: Oxfam Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**. [S.l.]: Parent in Science, 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true. Acesso em: 10 mar. 2023.

PASSOS, M. M. et al. **"Memórias": uma metodologia de coleta de dados - dois exemplos de aplicação**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 8, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4027>. Acesso em: 02 mai. 2023.

PEREZ, O. C.; FILHO, A. de O. S. **Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil**. Latitude, Maceió, v. 11, n. 1, p. 119-136, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2812>. Acesso em: 24 fev. 2023.

PROJETO MÃES NA UNIVERSIDADE - UFRJ. **Curso Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade**. Rio de Janeiro, [s.n.], 2021. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/projetomaesufrj/a%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 24 fev. 2023.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. **Maternidade e Situações Estressantes no Primeiro Ano de Vida do Bebê**. Psico-USF, Campinas, v. 16, n. 2, p. 215–225, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000200010&lng=pt&tIng=pt. Acesso em: 21 dez. 2022.

REIS, M. L. **Estudos de Gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 38, p. 11–34, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/29067>. Acesso em: 16 fev. 2023.

RODRIGUES, R.; SPIRONELLO, R. L. **A Geografia e As Práticas Espaciais Como Exercícios de Apropriação Espacial Sobre o Espaço Universitário**. In: Anais do VI Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas: pesquisa e pós-graduação em geografia: identidades, desafios e protagonismo científico. Pelotas: UFPel, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgeo/files/2019/12/ANAIS-VI-SEMPGEO-2019.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, J. M. S. **Mães Negras na Pós-Graduação: uma abordagem interseccional**. Salvador, 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32119>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. **A Feminização do Cuidado e a Sobrecarga da Mulher-Mãe na Pandemia**. Revista Feminismos, [S.l.], v. 8, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SILVA, J. M. S.; SALVADOR, A. C. **Coletivos De Mães Universitárias: rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro, RJ. Anais [...]. Rio de Janeiro, RJ: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais#J>. Acesso em: 24 fev. 2023.

STANISCUASKI, F. et al. **Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action**. *Frontiers in Psychology*, [S.l.], v. 12, 2021.

Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.663252>. Acesso em: 16 fev. 2023.

TV ALERJ. Rio de Janeiro, RJ: **Programa Toda Mulher**, 2019. 2 vídeos (total de 27 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XFY_wp9rUjU; <https://www.youtube.com/watch?v=QOZKPFbOno>. Acesso em: 24 fev. 2023.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. Salvador, 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009. Disponível em: <https://pospsi.ufba.br/pt-br>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VITORINO, D. G. D. S. et al. **Curso Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade: ciência, maternidade e pandemia**. In: Anais da 11a Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2022, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Disponível em: <https://sistemasiac.ufrj.br/cadernoController/gerarCadernoResumo/31000000>. Acesso em: 17 fev. 2023.

**APÊNDICE A - LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E
APRESENTADOS NO EIXO 1 - (MATERNIDADE E UNIVERSIDADE)
DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ**

Título do Trabalho	Filiação
A Influência da Produção Feminista em Ser Mulher em Manaus: corpo, parto, sexualidade	UFAM
A Prática da Maternidade Entre Cientistas: reflexões a partir do feminismo Matricêntrico	UFJF
Alunas-Mães Universitárias Geram Filhos e Gestam Sonhos	UFF
Com Culpa Materna Não se Destrói o Patriarcado Capitalista	UNIMONTES
Estratégias de Resistência e Formação das Estudantes Mães no Pet Afirmação	UFRB
Gênero e Docência no Ensino Superior: desequilíbrio e desafios da presença das mulheres nos espaços de poder e decisão na universidade	UFF
Implementação do Projeto “Acesso e Permanência de Mães na UERJ”	UERJ
Infâncias e o Ambiente Universitário	UFRGS
Maternidade Docente - Quem Escuta ou Enxerga Uma Mãe Solo?	UFRGS
Maternidades: um diálogo com a educação física	UFRGS
O Poder da Persistência de Mulheres-Mães e Universitárias no Cursar Pedagogia na UFPE- CAA: como flores de cacto em meio à seca a desabrochar	UFPE
O Projeto do E-Book “Narrativas Maternas na Universidade: relatos das mães do CAC-UFPE”: uma publicação para evidenciar as dificuldades maternas na universidade	UFPE
Parto do Princípio: a (não) relação maternidade & universidade	UFMG
Projeto de Extensão Facul das Crias: espaço de cuidado e acolhimento às famílias unilabianas	UNILAB
Rodas de Conversas com Mães dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS	UFRGS
Um Dia de Aula do Mestrado: 6 ônibus e muitos quilômetros rodados.	UFRJ

Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sesoesdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação)

**APÊNDICE B - LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E
APRESENTADOS NO EIXO 2 (MATERNIDADE E CULTURA) DO II
SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ**

Título do Trabalho	Filiação
A Educação Positiva, Com Respeito e a Parentalidade Positiva A Partir da Influenciadora Flavia Calina	UFCG
Apresentação de Projeto de Pesquisa Sobre as Mulheres na Amamentação Prolongada: um relato de experiência	UFTM
Maternagem nas Redes Sociais: a necessidade de politizar os cuidados maternos na contemporaneidade	UFF
Maternidade Como Práxis Pedagógica Para a Liberdade: contribuições em bell hooks	UFRJ
Narrativas de Professoras Mães: (des) encontros entre o dever-ser e o devir-nômade	UFS
O Manejo da Amamentação no Retorno ao Trabalho-Construção das Possibilidades de Escuta e Ações Junto a Equipe Profissional	FMU
Parto, Cesariana ou Adoção? Como Nasce o Performar Materno?	UFRGS
Repensando as Agendas de Cuidado Pós-Isolamento Social: um relato sobre uma pesquisa de campo na Argentina	UNB
Uma Análise do Maternar Contemporâneo e Suas Influências Digitais	UFCG

Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sessoesdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação)

**APÊNDICE C - LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E
APRESENTADOS NO EIXO 3 (MATERNIDADE E
INTERSECCIONALIDADE) DO II SEMINÁRIO MATERNIDADE E
UNIVERSIDADE UFRJ**

Título do Trabalho	Filiação
Violência Obstétrica: performatividade de raça e trajetória textual na internet.	UNIRIO

Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sessoesdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação)

**APÊNDICE D - LISTA DE TRABALHOS APROVADOS E
APRESENTADOS NO EIXO 4 (MATERNIDADE E SAÚDE) DO II
SEMINÁRIO MATERNIDADE E UNIVERSIDADE UFRJ**

Título do Trabalho	Filiação
A Centralidade Materna no Acompanhamento de Crianças com Leucemia	HEMORIO
Entrevistando Mães Universitárias: O Histórico da Maternidade e as Implicações nos Projetos de Vida	UFRRJ
Produções Sobre Violência Obstétrica e o Olhar da Psicologia Entre 2012 a 2022: Uma Revisão da Literatura	UEFS; UFBA; UNEX
Projeto de Extensão Saúde Mental Materna e a Construção de um Espaço de Escuta e Acolhimento	UFRJ

Fonte: Elaboração da autora (2023) a partir dos dados obtidos em:

<https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/sessoesdecomunicacao> (informações sobre as sessões de comunicação)